

CINTIA DE AZEVEDO LOURENÇO

Meu percurso no curso de Biblioteconomia da UFMG: 18 anos de vida acadêmica

Memorial apresentado como pré-requisito à promoção para a classe de Professor Titular do Departamento de Tratamento e Organização da Informação, da Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte
agosto de 2023

Ficha catalográfica: Elaborada por Cintia de Azevedo Lourenço

331.1-057.4

L892m

Lourenço, Cíntia de Azevedo

Meu percurso no curso de Biblioteconomia da UFMG: 18
anos de vida acadêmica / Cíntia de Azevedo Lourenço. --
Belo Horizonte : ECI-UFMG, 2023.
68 p. : il.

Memorial apresentado para promoção docente: Professor
Titular. Escola de Ciência da Informação, UFMG.

1. Carreira docente. 2. Ensino superior. I. Título.

Dedico aos meus filhos, que sempre me inspiraram e a todos aqueles a quem ensinei, e a todos aqueles com quem aprendi.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter-me iluminado, me intuído e me abençoado nesse percurso acadêmico.

Aos meus pais, por seus exemplos de ética, generosidade e alegria pela vida.

Aos meus filhos, Vanessa, Leonardo e Pedro, que foram minha grande motivação para a vida!

Aos meus alunos egressos e atuais, da graduação e da pós-graduação, que sempre compartilham comigo seus conhecimentos e que me instigam a aprender mais.

Aos professores, meus mestres e colegas, pelas parcerias e pelo aprendizado.

À comunidade da UFMG, em especial aos funcionários da ECI, que sempre me acolheram com carinho.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Índice h no Google Acadêmico	27
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participação em eventos durante a graduação	3
Quadro 2 – Participação em eventos anteriores à UFMG	4
Quadro 3 – Cursos de curta duração/aperfeiçoamento Anteriores à UFMG	5

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Formação Global de 1979 a 2022	6
Gráfico 2 – Homenagens e premiações de 1978 a 2017	7
Gráfico 3 – Atuação Profissional Externa à UFMG	10
Gráfico 4 – Cargos de chefia na Escola de Ciência da Informação	12
Gráfico 5 – Representações em órgãos colegiados da Reitoria e da Escola de Ciência da Informação	13
Gráfico 6 – Participação em comissões	15
Gráfico 7 – Disciplinas ministradas nos cursos da UFMG	18
Gráfico 8 – Atividades diversas de 2006 a 2022	22
Gráfico 9 – Consultoria Ad hoc e membro de corpo editorial	22
Gráfico 10 – Produção Bibliográfica de 1994-2022	26
Gráfico 11 – Distribuição dos artigos científicos por estrato Qualis das revistas científicas	26
Gráfico 12 – Tipo de autoria na produção bibliográfica	27
Gráfico 13 – Produção técnica de 2006-2022	28
Gráfico 14 – Participação em eventos	41
Gráfico 15 – Orientações de alunos de graduação	42
Gráfico 16 – Orientações na Pós-graduação (Lato sensu e Stricto sensu)	43
Gráfico 17 – Participação em bancas	45
Gráfico 18 – Bancas administrativas de 2006 a 2022	47

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iv
LISTA DE TABELAS	v
LISTA DE QUADROS	vi
LISTA DE GRÁFICOS	vii
1 INTRODUÇÃO	1
2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL	9
2.1 Atividades de Direção e Administração	11
2.2 Atividades de Ensino	17
2.2.1 Disciplinas da Graduação	17
2.2.2 Disciplinas da Pós-Graduação	20
2.3 Outras atividades desenvolvidas como docente da UFMG.....	21
3 AS ATIVIDADES ACADÊMICAS	23
3.1 Produção bibliográfica	23
3.2 Produções Técnicas.....	27
3.3 Pesquisas	28
3.3.1 Projetos de Pesquisa.....	29
3.3.2 Áreas de pesquisa	38
3.3.3 Grupos de pesquisa	39
4 PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS.....	41
5 ORIENTAÇÕES	42
5.1 Orientações na Graduação	42
5.2 Orientações na Pós-Graduação	43
6 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS	45
6.1 Bancas Acadêmicas	45
6.2 Bancas Administrativas	46
7 ATIVIDADES DE EXTENSÃO	48
8 PROJETOS E PROGRAMAS DE ENSINO	61
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de escrever este memorial, como requisito à promoção para a Classe de Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), levou-me a rever minha história de vida e acadêmica.

Olhando para trás, me sinto uma vencedora, pois venho de uma família onde ninguém pertence ao universo acadêmico. Muitos de meus familiares não possuem nem curso superior, quanto mais pós-graduação. Mesmo meus pais, entraram para o ensino superior após se casarem. Meu pai, se formou em Economia, Administração e Contabilidade após iniciar a vida de casado e minha mãe, professora da rede estadual de ensino no Estado de São Paulo, concluiu o curso de Pedagogia na mesma época que eu cursava Biblioteconomia. Mesmo assim, foram grandes incentivadores para que eu e meus irmãos concluíssemos nossos cursos superiores.

Minha trajetória profissional nesse universo iniciou-se após a minha maioridade, pois meus pais sempre priorizaram nossa formação e não nossa inserção no mercado de trabalho. Ou seja, de cedo minha dedicação maior sempre foi aos estudos.

Nasci em 1967, na cidade de São Paulo, sendo a filha mais velha de 4 irmãos. Cresci em uma cidade grande e cheia de oportunidades intelectuais, culturais e de lazer. Sempre fui incentivada a ler e a frequentar bibliotecas: Biblioteca infanto-juvenil de Santo Amaro, Biblioteca escolar, Bibliotecas públicas e depois as Universitárias.

Fui uma criança tímida e retraída, devido à gagueira, que dificultava minha comunicação com outras crianças e adolescentes. Da infância à adolescência, estudei piano, além de outros cursos, pois adorava aprender coisas novas: pintura em cerâmica, silk-screen,

entre outros. Nesse período também fiz terapia para conseguir controlar a gagueira e conseguir me comunicar melhor.

Assim, ao final do ensino fundamental, antigo 1º grau, já interagia melhor com as pessoas e minha comunicação melhorou bastante. Entretanto, não sabia qual seria o rumo profissional que daria à minha vida. Gostava de muitas coisas, era boa aluna em todas as disciplinas, mas não tinha ideia de qual profissão escolheria.

Nesse momento, influenciada por minha mãe ser professora, decidi optar por um curso técnico no Ensino Médio: o curso Normal, que tinha o objetivo de formar professoras para atuar no ensino primário, de 1ª a 4ª séries. O curso foi iniciado em 1982, na Escola Estadual Dom José de Camargo Barros, na cidade de Indaiatuba, Estado de São Paulo e se concluiu em 1985, na Escola Normal de Brasília, onde morávamos devido a um novo emprego de meu pai.

Ao concluir, apesar de gostar muito de dar aulas, a única certeza que tinha na época era que não queria fazer o curso de Pedagogia. Assim, listei alguns cursos que pareciam interessantes para que pudesse escolher um para prosseguir meus estudos na universidade.

Apesar de estudar piano a vida toda, não me interessei pelo curso de Música, pois a carreira de música não me apetecia. Na lista de cursos que fiz, percebi que haviam cursos na área de humanidades em maior quantidade do que nas áreas de exatas e de biológicas. Assim, com a ajuda de um Guia do Estudante da época, me informei sobre cada um deles e por fim acabei optando pela Biblioteconomia.

Assim, em 1988 ingressei no curso de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde iniciei minha formação para atuar como bibliotecária. Desde o início do curso percebi a importância da área e da participação nos eventos que comunicavam e discutiam o estado da arte da Biblioteconomia, as experiências profissionais dos já graduados e das pesquisas em desenvolvimento

para a modernização da Biblioteconomia. Participei assim de vários eventos dentro das minhas possibilidades:

Quadro 1 – Participação em eventos durante a graduação

1988	XVI Semana de Estudos de Biblioteconomia
1989	7º COLE - Congresso de Leitura
1989	XVII Semana de Estudos em Biblioteconomia
1990	XVIII Semana de Estudos de Biblioteconomia
1991	XIX Semana de Estudos de Biblioteconomia

Durante o curso, fiz estágios em diferentes tipos de bibliotecas e me encontrei profissionalmente. Não tinha dúvidas de que tinha escolhido minha carreira acertadamente.

Ao final da graduação, apresentei minha monografia de conclusão de curso intitulada "Bibliotecas Comunitárias", sob a orientação da Professora Dra. Vera Silvia M. Beraquet. Como na época a microinformática estava despontando dentro da biblioteconomia como em outras áreas também, decidi fazer um curso de 1 ano na Microcamp: Curso Integrado de Processamento de Dados. Assim em 1992, aprendi a utilizar micro computadores, aprendendo sobre o sistema DOS e os programas Wordstar, Lotus 123 e DBase.

Depois de formada, trabalhei em algumas bibliotecas universitárias, escolares e em uma empresa de informatização de bibliotecas. E foi trabalhando com a informatização que surgiu a primeira necessidade de continuidade de estudos.

Nessa época, senti necessidade de aprofundar meus conhecimentos em microinformática, pois meu novo trabalho demandava esse conhecimento mais específico. Assim, em 1994 iniciei minha primeira pós-graduação, ainda em nível Lato Sensu: "Especialização em Análise de Sistemas", na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Prof. Carlos Pasquale", em São Paulo, onde em meu

projeto de conclusão de curso fiz a modelagem conceitual para o desenvolvimento de um sistema para automação de arquivos, que intitulei: "AUTARQ: Projeto de sistema de automação de arquivos". Para essa modelagem utilizei o modelo Entidade-relacionamento (MER).

Foi nessa época que decidi ingressar no curso de Mestrado para pesquisar sobre Softwares para automação de bibliotecas. Assim, em 1996 iniciei o Mestrado em Ciência da Informação, na PUC Campinas, onde defendi em 1998 a dissertação intitulada: "Softwares nacionais x softwares estrangeiros em bibliotecas de universidades paulistas", sob a orientação da profa. Dra. Cecília Carmem Cunha Pontes.

Com o fim do mestrado, voltei a atuar como bibliotecária da Faculdade de Direito de Itu (SP) e no Colégio Projeção, na cidade de Indaiatuba (SP). Nesse período de 1992 a 1997, participei de vários eventos da área e fiz vários cursos de curta duração, como mostra os Quadros 2 e 3.

Quadro 2 – Participação em eventos anteriores à UFMG

1992	Simpósio de Biblioteconomia e Ciência da Informação do MERCOSUL e XII Jornada Sul-Rio-Grandense de Biblioteconomia e Documentação, 1992
1992	XXI Semana de Estudos de Biblioteconomia, 1992
1994	Apresentação de Pôster / Painel no (a) V Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de Documentação, 1994. (Seminário) V Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de Documentação.
1995	Congresso Brasileiro de Informática Educacional, 1995
1995	XXIV Semana de Estudos de Biblioteconomia, 1995
1996	Apresentação Oral no (a) 15º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, 1996 Automação de Bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo.
1996	X Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 1996
1997	VI Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de Documentação, 1997

Em relação à minha formação profissional, sempre procurei me atualizar e aperfeiçoar, com o objetivo de trazer maior qualidade para a minha atuação como bibliotecária. Assim, no Quadro 3, pode-se observar que logo que conclui o curso de Biblioteconomia, procurei me manter atualizada e também aperfeiçoar questões trabalhadas no curso com o intuito de aperfeiçoamento profissional.

**Quadro 3 – Cursos de curta duração/apperfeiçoamento
Anteriores à UFMG**

1992	Aperfeiçoamento em Linguagens documentárias PUC-Campinas
1993	Sumários correntes Associação Paulista de Bibliotecários, APB, Brasil
1993	Sinalização de bibliotecas. Associação Paulista de Bibliotecários, APB, Brasil
1993	Avaliação de Hardware e Software. Associação Paulista de Bibliotecários, APB, Brasil
1997	Internet - avançado. MICROCAMP, MC, Brasil

Com o termino do mestrado, veio o interesse pela carreira acadêmica, assim, comecei a prestar concursos para docentes sempre que a titulação mínima era ter o mestrado. Fui aprovada em vários deles, mas nunca em primeiro lugar, pois me faltavam dois itens essenciais na pontuação do currículo: experiência docente e publicação. Além disso, sempre haviam candidatos com doutorado concluído.

Essa vivência em concursos para docente fez com que eu decidisse por continuar minha formação acadêmica, me levando a preparar um projeto de pesquisa para poder ingressar em um curso de doutorado em Ciência da Informação. Apesar de ser nativa de São Paulo, minha opção pela UFMG nessa continuidade de formação acadêmica se deu

por ter me interessado por suas linhas de pesquisa, onde eu poderia conjugar meus conhecimentos de biblioteconomia e de informática em uma pesquisa moderna e inovadora.

Assim, em 2001 ingressei no doutorado em Ciência da Informação na Escola de Ciência da Informação da UFMG, sob a orientação da Profa. Dra. Lidia Alvarenga. Após um longo caminho, em 2005 defendi a tese intitulada: “Análise do padrão brasileiro de metadados de teses e dissertações segundo o modelo entidade-relacionamento”, conseguindo assim meu título de doutora em Ciência da Informação.

Foi no doutorado que iniciei minha carreira docente no ensino superior e minha atuação na pesquisa, mais especificamente na área de catalogação.

Minha trajetória completa em cursos formais e cursos de curta duração pode ser observada no Gráfico 1:

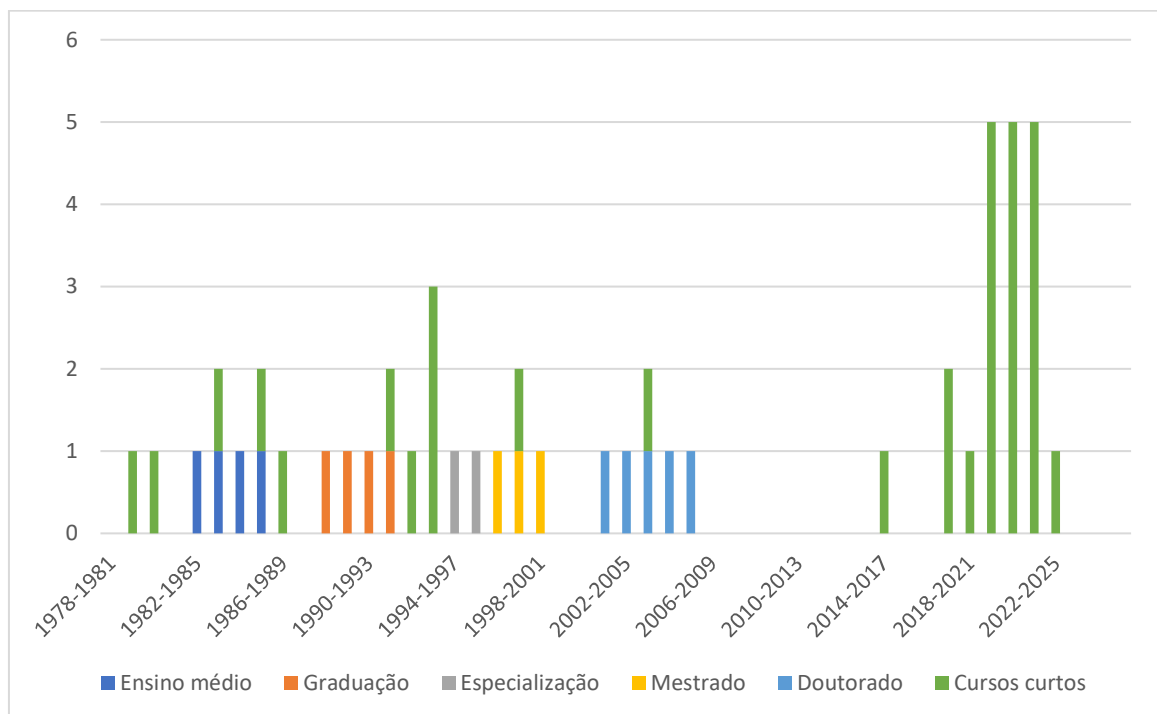


Gráfico 1 – Formação Global de 1979 a 2022

Outro ponto que gostaria de mencionar está relacionado com prêmios e homenagens que recebi durante minha jornada de vida. Recebi prêmios anteriores à minha vida acadêmica, mas também foi homenageada e tive trabalhos com o Programa PRONOTURNO da UFMG premiados em diversas Semanas do Conhecimento, evento anual da UFMG em consonância com eventos de Ciência e Tecnologia nacionais. Essas premiações podem ser observadas no Gráfico 2:

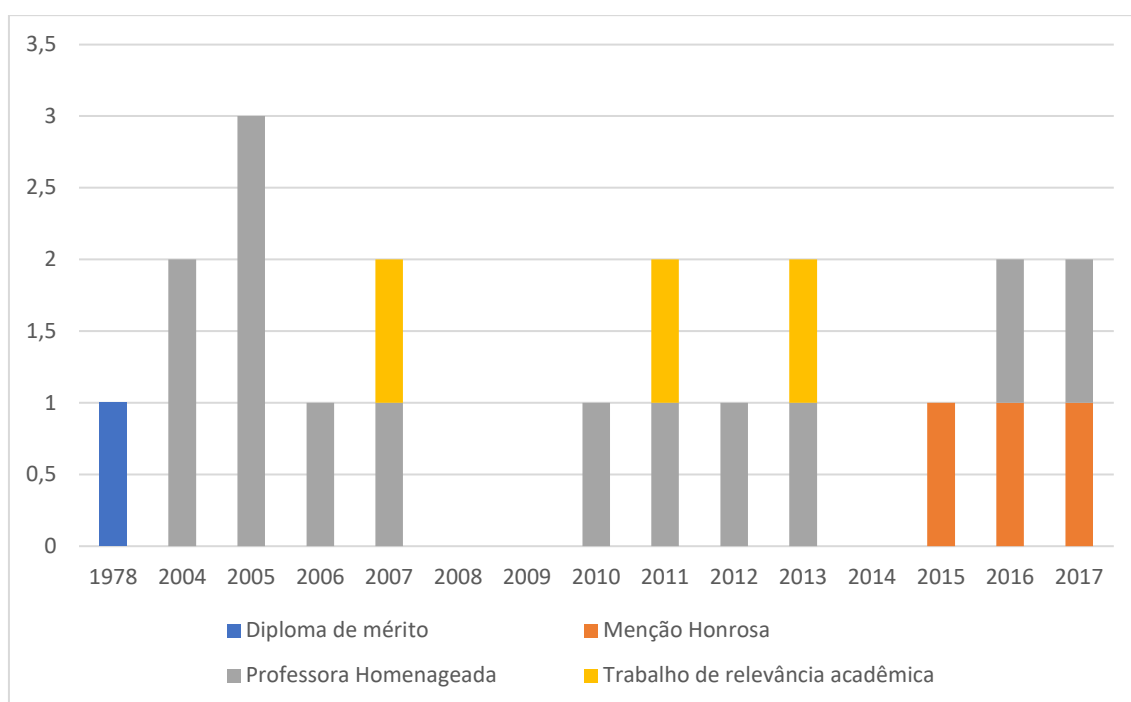


Gráfico 2 – Homenagens e premiações de 1978 a 2017

Em 1978 recebi um Diploma de Mérito por vencer o PROEM – Projeto Estudantil Metropolitano, na área de Estudos Sociais da 5ª série. Nesse projeto, foram aplicadas provas eliminatórias em todas as escolas da rede estadual de São Paulo. Desta forma, em cada série e em cada disciplina no final foram premiados os melhores estudantes de toda a cidade de São Paulo. Apesar de antiga, foi minha primeira premiação acadêmica.

Após iniciar meu doutorado na UFMG, fui homenageada em diversas formaturas dos cursos em que ministrei disciplina, tanto anteriores à UFMG (2004-2006), no curso de Biblioteconomia da UFMG (2007-2017).

Nos eventos da Semana do Conhecimento da UFMG, recebi também Menções Honrosas e certificados de Trabalho de Relevância Acadêmica pelos posters apresentados nesse evento de 2007-2017.

2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Pode-se dizer que minha carreira docente teve início quando decidi ainda meio confusa sobre qual profissão escolher para o meu futuro, quando entrei para o Curso Normal para a formação de professores do ensino básico, em nível técnico.

Iniciei minha carreira como professora de ensino pré-escolar, já de volta à cidade de Indaiatuba, na Escola de Educação Infantil “Grilinho Falante”. Entretanto, tinha interesses muito variados e aptidões para diversas profissões o que tornava ainda mais difícil minha opção para uma formação superior.

Já formada em Biblioteconomia iniciei minha carreira de Bibliotecária na Sociedade Hípica de Campinas, de 1992 a 1993, onde montei uma biblioteca de lazer para atender aos sócios e funcionários do clube. Em busca de novos desafios e crescimento na carreira, atuei em 1993 na biblioteca universitária da OSEC - Organização Santamarense de Educação e Cultura, atualmente conhecida como Universidade de Santo Amaro, onde era responsável pelo setor de referência e pelo setor de publicações periódicas.

Nessa época fiz um curso de Chefia de Pessoal em 1991, e um curso de Extensão universitária da PUC Campinas em Linguagem documentária, onde aprendi sobre a construção de tesauro, em 1992.

Nessa biblioteca universitária estava acontecendo à informatização de seu acervo para o sistema SYSBIBLI, desenvolvido na época por uma empresa do Rio de Janeiro, a Contemporary Informática. E foi nesse contato inicial com a informatização de bibliotecas que me interessei pelo assunto e fui convidada a trabalhar como Bibliotecária consultora na Contemporary, com a função de fazer demonstrações do software, treinamento e instalação nas bibliotecas

que adquirissem o produto e assessoria técnica básica. Assim, iniciei meu contato profissional com a informática aplicada às rotinas de uma biblioteca e com a consultoria.

Atuei também como Bibliotecária no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CESJF de 2004 a 2006 como consultora em um projeto de desenvolvimento: Assessoria no desenvolvimento de software para a biblioteca desta unidade de ensino.

Neste projeto de desenvolvimento de software para automação da biblioteca da instituição. Atuei na assessoria e suporte ao analista de sistema da instituição, Eduardo Carrão. O Gráfico 3 ilustra meu percurso profissional até a docência.

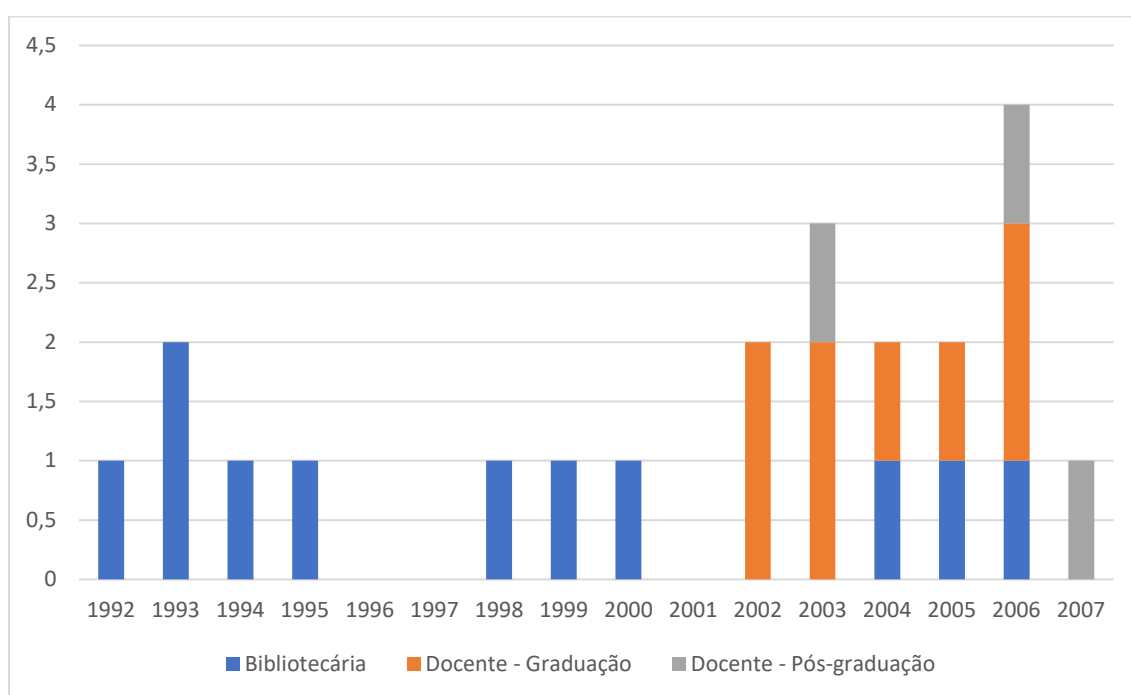


Gráfico 3 – Atuação Profissional Externa à UFMG

Minhas primeiras experiências no ensino superior aconteceram em cursos de Biblioteconomia na UNINCOR em Três Corações (2002), UNIPAC de Ubá (2002), e na UNIFORMG de Formiga (2006).

Na UNICOR, ministrei disciplinas nas áreas de Fontes de Informação e Controle Bibliográfico da Informação. Já na UNIPAC e na UNIFORMG, ministrei disciplinas da área de Tratamento da informação, como: Classificação, Indexação, Análise de assunto e Catalogação.

NA UNIPAC atuei também em outros cursos, onde ensinei Metodologia Científica nos cursos de Direito, Pedagogia, Normal Superior, Ciência da Computação, Letras e Serviço Social.

Minha atuação profissional na Escola de Ciência da Informação da UFMG começou em 2002, quando ainda no doutorado iniciei meu percurso na docência através de disciplinas ministradas no Estágio docente.

Iniciei minha carreira docente na UFMG como professora substituta, de 2005 a 2006. Nesse período foram abertos vários concursos para docente do curso de Biblioteconomia, no qual fui aprovada em 2 deles: "Administração de Unidades de Informação", do departamento de Teoria e Gestão da Informação; e "Tratamento da Informação", do departamento de Organização e Tratamento da Informação.

Optei pela vaga de Tratamento da Informação, pois é a área em que fiz minha pesquisa de doutorado, tenho maior experiência docente e profissional e mais importante, é uma área em que tenho mais afinidade, tanto para ensino quanto para pesquisa.

2.1 Atividades de Direção e Administração

Ao entrar para o corpo docente da UFMG, sempre participei da administração da Universidade, atuando em cargos de chefia, representações em colegiados, comissões diversas, tanto na minha

unidade, a Escola de Ciência da Informação, quanto no âmbito da administração central da UFMG (Gráficos 4, 5 e 6).

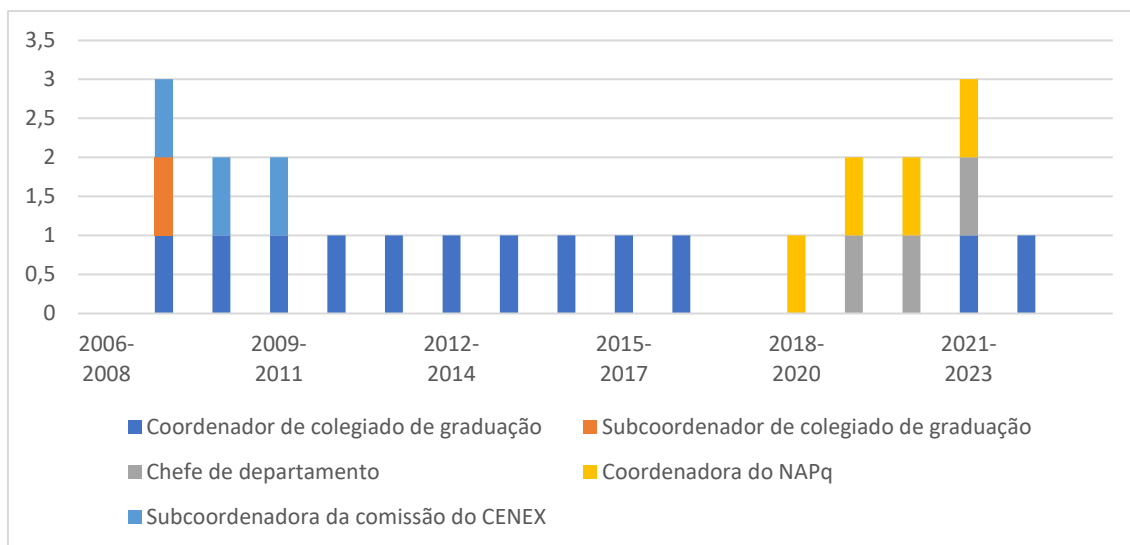


Gráfico 4 – Cargos de chefia na Escola de Ciência da Informação

Os cargos de chefia que ocupei nesses 17 anos de UFMG foram:

- Chefe do Departamento de Organização e Tratamento da Informação (2019-2021)
- Coordenadora do Colegiado do curso de Biblioteconomia (2007-2016 e 2021 até o momento)
- Coordenadora do NAPq da Escola de Ciência da Informação (2018-2021)
- Sub-coordenadora da Comissão do CENEX/ECI (2007-2009)
- Sub-coordenadora do Colegiado do curso de Biblioteconomia (2007)

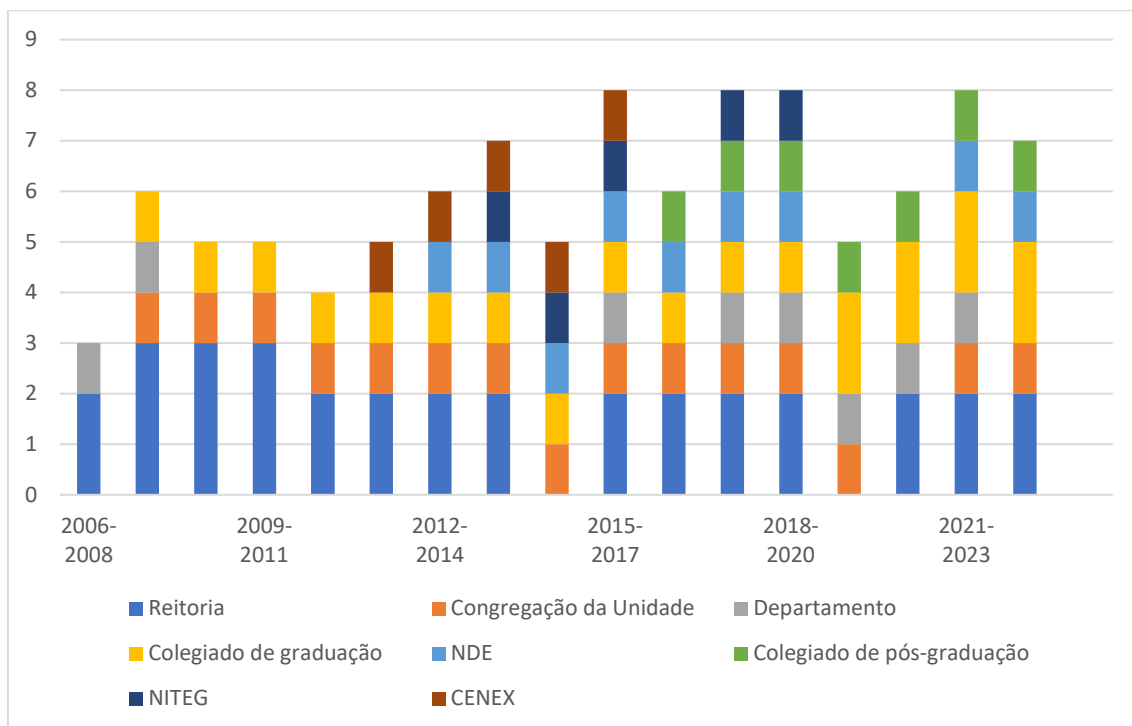


Gráfico 5 – Representações em órgãos colegiados da Reitoria e da Escola de Ciência da Informação

Além dos cargos de chefia, sempre atuei nos colegiados da Escola de Ciência da Informação, como representante, ora titular, ora suplente, estando sempre presente na administração de minha unidade. Dentre essas representações podemos citar:

- Membro da congregação como Coordenadora de colegiado (2007-2016 e 2021 até o momento)
- Membro da Congregação como Chefe do DOTI (2019-2021)
- Representante da categoria de professor associado junto à Congregação da ECI (2016-2019)
- Membro da Câmara do DOTI como Chefe de Departamento (2019-2021)
- Representante dos professores associados na Câmara do DOTI (2017-2019)

- Representante da categoria de professor adjunto na câmara do DOTI (2015)
- Representante do DOTI no colegiado de Biblioteconomia (2006-2007)
- Membro da Câmara do Colegiado de Biblioteconomia como coordenadora do curso (2007-2016 e 2021 até o momento)
- Representante do DOTI, junto ao Colegiado de Arquivologia (2011-2013, 2017 até o momento)
- Membro do NDE pelo colegiado de graduação (2012-2018 e 2021 até o momento)
- Representante do DOTI, junto a Comissão Coordenadora do Curso de Especialização em Gestão Estratégica da Informação (2013-2015 e 2017-2019)
- Membro do colegiado do curso de pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (2016 até o momento)
- Representante do colegiado de Biblioteconomia na comissão do CENEX/ECI (2011-2015)

Na administração central, atuei nas seguintes representações:

- Membro do CEPE como representante da ECI (2006-2013 e 2019 até o momento)
- Representante do CEPE na Câmara de Graduação (2006-2013)
- Representante do CEPE na Câmara de Pesquisa (2019-2022)
- Representante do CEPE na Câmara de Pós-Graduação (2022 até o momento)
- Representante da câmara de graduação na comissão do programa PRONOTURNO - Presidente da Comissão (2007-2009)
- Representante da ECI no Conselho Universitário (2015-2018)

- Membro da Comissão de Legislação do Conselho Universitário (2015-2018)

Ao me tornar membro da Câmara de Graduação em 2006, conheci o Programa PRONOTURNO, e como o curso de Biblioteconomia ainda não havia enviado nenhum projeto para implementar esse programa no curso noturno, elaborei um projeto e iniciei a atividade de Tutoria do PRONOTURNO do curso de Biblioteconomia. Esse programa tinha como objetivo inserir alunos do curso noturno nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, oferecendo bolsas que duravam até que o aluno se formar, se fosse do interesse deles. Até a extinção desse programa pela Pró-reitoria de Graduação, o PRONOTURNO da Biblioteconomia teve um total de 12 alunos, realizando atividades com diversos professores orientadores, tanto de iniciação científica, quanto de extensão e de monitoria.

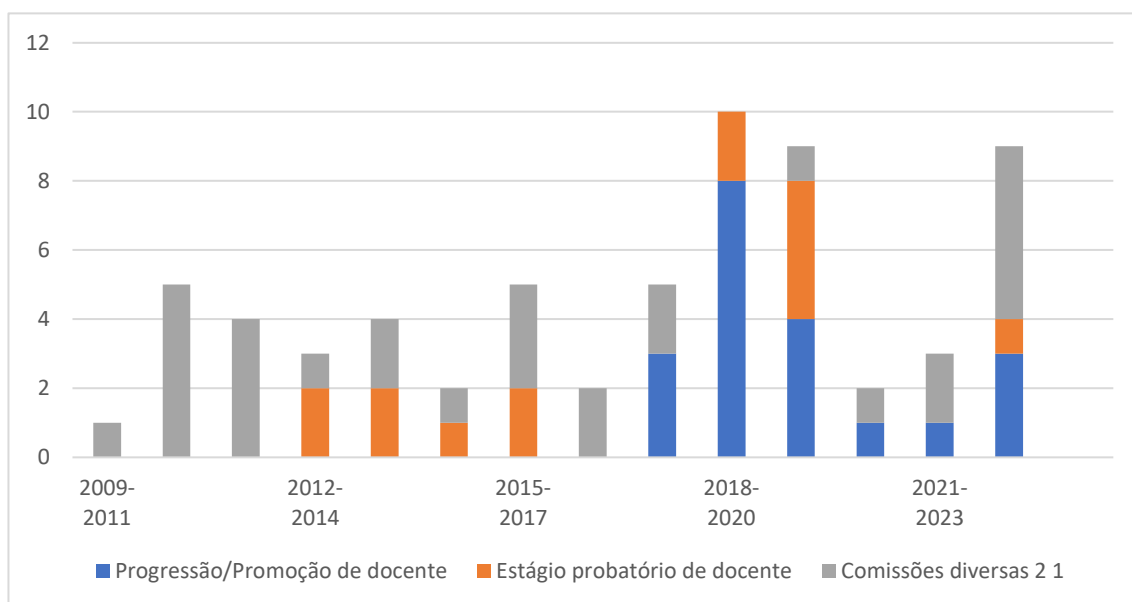


Gráfico 6 – Participação em comissões

Além das representações, sempre participei ativamente como membro ou como presidente, dos processos de avaliação docente, em

comissões de avaliação de estágios probatórios parciais e finais, comissões de progressão e promoção de docentes e em outras comissões, como:

- Fórum de coordenadores dos cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação
- Comitê local de avaliação de desempenho dos servidores técnico-administrativos em educação 2016
- Comissão relativa ao processo nº23072.032682/2015-66, da diretoria da Faculdade de Letras
- Comissão permanente de revalidação de diploma estrangeiro do curso de graduação em Biblioteconomia
- Comissão Local de Enfrentamento à Pandemia da COVID-19 da Escola de Ciência da Informação
- Comissão julgadora da avaliação de desempenho acadêmico para progressão vertical para classe de professor adjunto da carreira de magistério superior
- Comissão de Revisão da Resolução nº 1/2015
- Comissão de Reestruturação Organizacional da Escola de Ciência da Informação
- Comissão de Reestruturação de Secretarias dos Colegiados de Graduação e dos Departamentos da Escola de Ciência da Informação
- Comissão de redação do projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia
- Comissão de planejamento do curso de Arquivologia
- Comissão de exclusão de um turno do curso de Biblioteconomia
- Comissão de estruturação do Estágio Supervisionado em Biblioteconomia I e II

- Comissão de elaboração do regimento interno do CENEX/ECI
- Comissão de elaboração do novo regimento do CENEX/ECI
- Comissão de avaliação do regimento escolar, tratamento especial e exame especial, visando subsidiar a discussão de alteração das Normas Acadêmicas, decorrente da aprovação do novo Regimento Geral de UFMG
- Comissão de análise e avaliação da implantação da nova matriz curricular do curso de Biblioteconomia
- Comissão de acompanhamento do Convênio de Dupla Titulação com a Universidade de Antioquia (UDEA)

2.2 Atividades de Ensino

Minhas atividades de ensino na UFMG iniciaram durante o meu doutorado, quando ofereci aos alunos por 2 semestres, um seminário de 15h, intitulado *"Introdução ao estudo de metadados e padrões descritivos em documentos da web"* (2002-1) e uma disciplina optativa de 60h intitulada *"Tópicos em tratamento da informação - descrição documental em bibliotecas digitais"* (2002-2). Essas atividades fizeram parte do meu doutorado como Estágio docente.

Todas foram ministradas para os alunos do curso de Biblioteconomia, na área de organização e tratamento da informação.

2.2.1 Disciplinas da Graduação

Após meu ingresso como docente da UFMG, inicialmente como professora substituta no início de 2006 e posteriormente em agosto do mesmo ano como professora efetiva, ministrei inúmeras disciplinas no curso de Biblioteconomia e no curso de Sistemas de Informação lotada

no departamento de organização e tratamento da informação, como mostra o Gráfico 7.

Atualmente, atuo mais efetivamente nas disciplinas de catalogação, que tem forte relação com meu projeto de pesquisa e sobre sistemas de classificação.

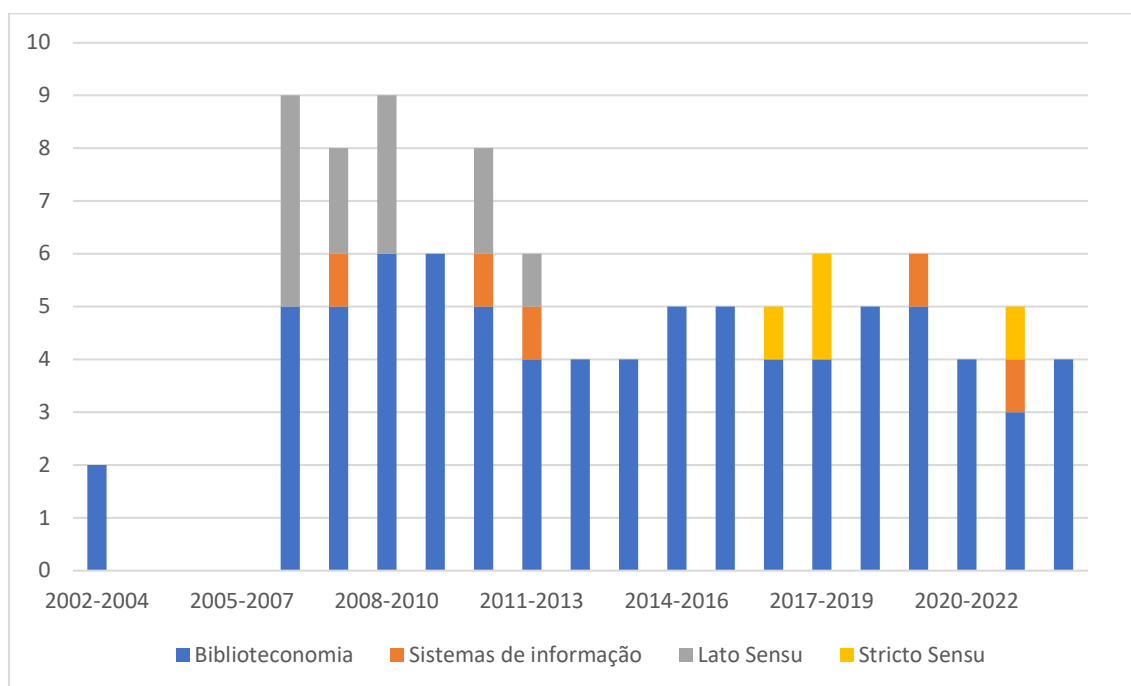


Gráfico 7 – Disciplinas ministradas nos cursos da UFMG

No curso de Biblioteconomia ministrei as seguintes disciplinas:

- Catalogação descritiva
- Fundamentos de Organização da Informação
- Normalização Bibliográfica
- Sistema de Classificação: CDD
- Sistema de Classificação: CDU
- Sistema de Recuperação da Informação

- Tópicos em Estudos de Informação – Seminários (Direitos autorais na era digital)
- Tópicos em Estudos de Informação – Seminários (Formato MARC e Padrões de metadados)
- Tópicos em Estudos de Informação – Seminários (Formato MARC)
- Tópicos em Catalogação e Classificação da Informação D (Catalogação II)
- Tópicos em Catalogação e Classificação da Informação D (MARC, RDA e Metadados)
- Tópicos em Catalogação e Classificação Informação D (Introdução ao RDA e FRBR LRM)
- Tópicos em Estudos de Informação - Seminários (Introdução ao estudo de metadados e padrões descritivos em documentos da WEB)
- Tópicos em Estudos de Informação - Seminários (Padrões de Metadados)
- Tópicos em Tratamento para Gestão de Coleção (Formato MARC)
- Tópicos em Tratamento para Gestão de Coleção (MARC e Dublin Core)
- Tópicos em Tratamento para Gestão de Coleção (Prática em classificação: CDU)
- Tópicos Uso de Tecnologias, Organização e Tratamento da Informação (Introdução à Gestão de Dados de Pesquisa)
- Tópicos Uso de Tecnologias, Organização e Tratamento da Informação (Software para Unidades de Informação)
- Tratamento da informação I
- Tratamento da informação III

- Tratamento da informação IV

Já no curso de Sistemas de informação, ministrei a disciplina que o departamento de Organização e Tratamento da Informação oferece nesse curso como obrigatória: "Organização e Tratamento da Informação".

2.2.2 Disciplinas da Pós-Graduação

Além dos cursos de graduação, atuei como docente em cursos de pós-graduação, inicialmente em curso de especialização Lato Sensu, ofertado pelo NITEG e depois após 2016, no Stricto Sensu, ao me credenciar junto ao Programa de Pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento, da Escola de Ciência da Informação. No Lato Sensu, no curso de "Arquitetura e Organização da Informação", ministrei disciplinas, sendo uma delas de 60h exclusivamente ministradas por mim e duas de 60h que eu dividia com a professora Gercina Lima e com o professor Maurício Barcelos, sendo responsável nessas duas por apenas 30h, nos anos de 2005 até 2010. Foram elas:

- Aplicativos para organização e gestão da informação
- Arquitetura de metadados I: análise descritiva
- Padrões de organização de documentos eletrônicos
- Representação Descritiva
- Tratamento de Recursos Eletrônicos

Em relação ao curso de Pós-graduação *Strito Sensu* da Escola de Ciência da informação iniciei minhas atividades somente em 2016, em um Programa que estava iniciando, o segundo na ECI.

No Programa de Pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (PPGGOC), até o momento ministrei as seguintes disciplinas:

- Estágio Docente A e B
- Metadados: formatos e modelos
- Metodologia de Pesquisa
- Representação descritiva da informação: estudos avançados em catálogos eletrônicos da web (Estudo avançado)
- Tópicos Especiais em Arquitetura e Organização do Conhecimento IV: Processos e Produtos de Representação Descritiva

2.3 Outras atividades desenvolvidas como docente da UFMG

Além das atividades de administração e ensino, como docente da UFMG também desenvolvi outras atividades inerentes de meu cargo na Escola de Ciência da Informação. São elas:

- Desenvolvimento de Pesquisa
- Trabalhos de Extensão
- Projetos de Iniciação à docência
- Coordenadora de linha na pós-graduação
- Participação em grupos de pesquisa
- Tutoria do Programa PRONOTURNO
- Revisor *ad hoc* de periódico
- Membro de corpo editorial
- Revisor *ad hoc* de projeto em agência de fomento

Essas atividades podem ser verificadas nos Gráficos 8 e 9:

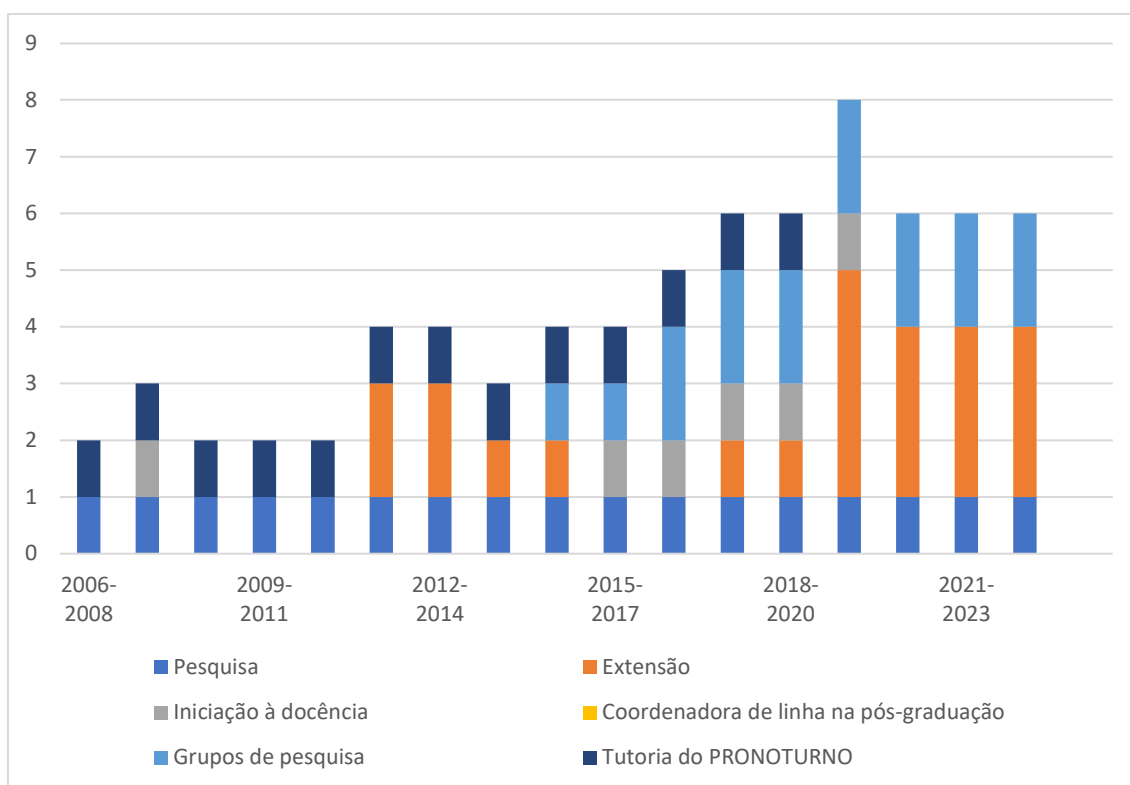


Gráfico 8 – Atividades diversas de 2006 a 2022

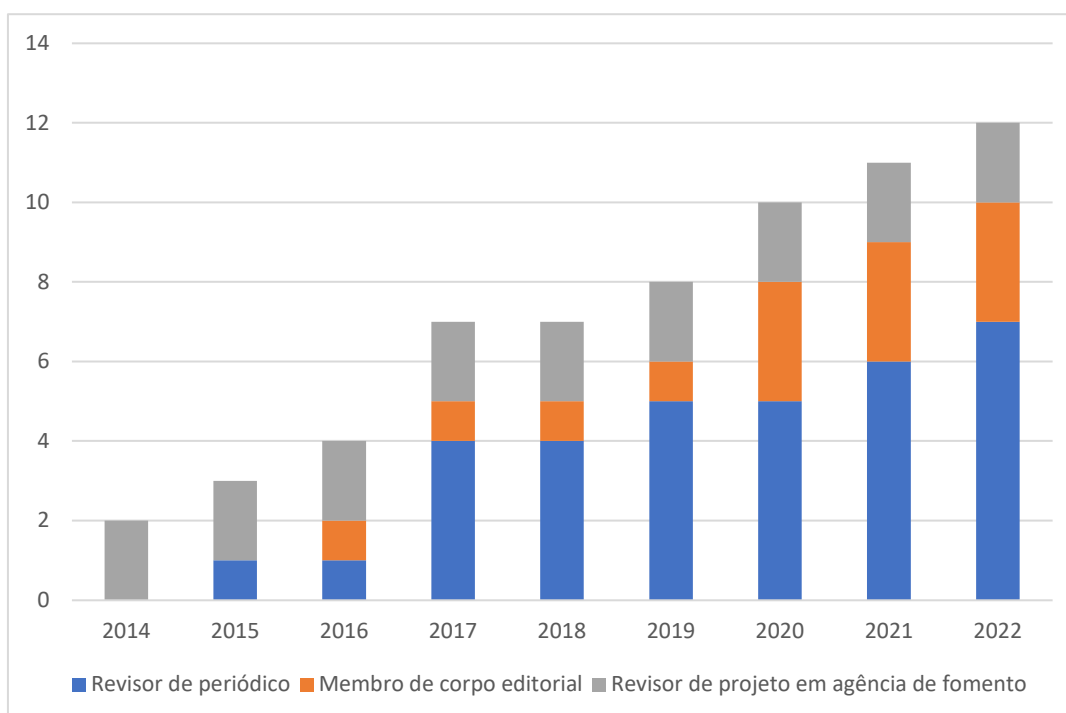


Gráfico 9 – Consultoria Ad hoc e membro de corpo editorial

3 AS ATIVIDADES ACADÊMICAS

Apresento, um mapeamento geral da minha produção científica entre 1994 a 2022. A Produção acadêmica inclui as produções bibliográficas e técnicas.

Nesse período publiquei: 24 artigos de periódicos, 1 livro, 5 capítulos de livros, organizei 3 livros, tive 14 trabalhos completos publicados em anais de eventos, 1 artigo de jornal e 49 palestras/apresentação de trabalhos em eventos.

Além das publicações, realizei alguns trabalhos técnicos, dentre eles: 50 pareceres em artigos de periódicos, projetos, material didático, livros, entre outros; criei o site do Grupo GEPCAT; abri um canal do youtube sobre catalogação, com 21 video-aulas produzidas para o ensino remoto durante a pandemia do COVID-19; 5 cursos de curta duração; e 4 materiais instrucionais, sendo um para o curso EAD de Biblioteconomia organizado pela CAPES em parceria com as Universidades Públicas.

3.1 Produção bibliográfica

Muito antes de pensar na carreira acadêmica, iniciei minha produção com um trabalho apresentado no **V Seminário sobre Automação em Bibliotecas e Centros de documentação**, realizado em São José dos Campos/SP, em 1994, com um artigo intitulado: "Sysbibli: um software aplicativo para automação de bibliotecas". A apresentação deste artigo para submissão no seminário foi inspirado em meu trabalho junto à empresa Contemporary Informática, que comercializava o Sysbibli, que se constituía em um software para informatizar todos os processos e produtos de uma biblioteca.

Nesse artigo, apresentava os softwares e suas funcionalidades e descrevia minha experiência na implementação dele na informatização dos mais diferentes tipos de bibliotecas. Foi uma experiência muito importante, pois me fez olhar pela primeira vez para a possibilidade de uma carreira acadêmica na pesquisa em Biblioteconomia.

Assim, em 1996 quando já tinha iniciado o mestrado na PUC Campinas, em uma disciplina com a professora Geraldina Witter, fiz dois trabalhos de análise de produção científica, aplicando a metodologia do Qui-Quadrado para verificar a significância dos resultados obtidos em dois levantamentos de produção científica: em uma base de dados e no currículo Lattes de um pesquisador da Área de Engenharia de Alimentos.

Estes trabalhos, como os trabalhos feitos pelos demais alunos da disciplina deram origem a um livro, organizado pela professora Geraldina Witter, intitulado "Produção Científica" da editora Átomo em 1997. Neste livro, meus trabalhos foram publicados nos capítulos 2 e 16 respectivamente:

- Automação de bibliotecas: análise da produção via Biblioinfo
- Produção científica via currículo: um caso em tecnologia de alimentos

Desses trabalhos o primeiro que analisou a produção científica sobre automação de bibliotecas através da análise da base de dados Biblioinfo, foi apresentado no **15º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina**, em 1996 e posteriormente publicado na Revista da ACB, v.2 de 1997, que publicou todos os trabalhos apresentados no Painel citado.

Nessa época, também escrevi um artigo para o jornal "Tribuna de Indaiá", da cidade de Indaiatuba, Estado de São Paulo, incitado pela minha indignação com a hipocrisia da secretaria da Cultura do

município que não valorizava a Biblioteca Pública, dando-lhe a devida importância e recursos. Mas anunciava um investimento na área de internet para acesso da população com a fala de que “se informação é cultura a prefeitura não poderia ficar fora desse avanço tecnológico”. Como um ataque direto ao secretário de cultura da época, intitulei meu artigo de indignação utilizando as próprias palavras dele: “Informação é Cultura”, que foi publicado em 1996.

Voltei a publicar somente quando entrei no Doutorado em Ciência da Informação da UFMG. Durante o curso de foi de 2001 a 2005 quando defendi, publiquei um artigo em 2002, em parceria com minha colega de doutorado na época e atualmente minha colega docente na Escola de Ciência da Informação Adriana Bogliolo, um artigo que foi fruto de um trabalho realizado por nós em uma das disciplinas, na Revista Informação & Sociedade: Estudos, da universidade Federal da Paraíba:

SIRIHAL, A. B., LOURENÇO, C. A. Informação e conhecimento: aspectos filosóficos e informacionais. *Informação & Sociedade. Estudos*, v.12, p.67 - 92, 2002.

A partir de 2006 com a minha estrada no corpo docente do curso de Biblioteconomia da ECI, foi que minha produção bibliográfica se tornou mais constante, iniciando em 2006 e 2007 com a publicação do resumo de minha tese, e em 2007 com a publicação de um artigo que tinha sido escrito durante o meu doutorado, mas que foi efetivamente publicado somente nesse ano, além do artigo sobre minha tese em 2009 na revista Knowledge Organization.

Inicialmente minha produção científica não foi muito regular, devido ao meu grande envolvimento com as atividades de ensino do curso de Biblioteconomia e administrativas, mas com minha entrada na Pós-graduação esse quadro se modificou. Esse movimento pode ser observado no Gráfico 10:

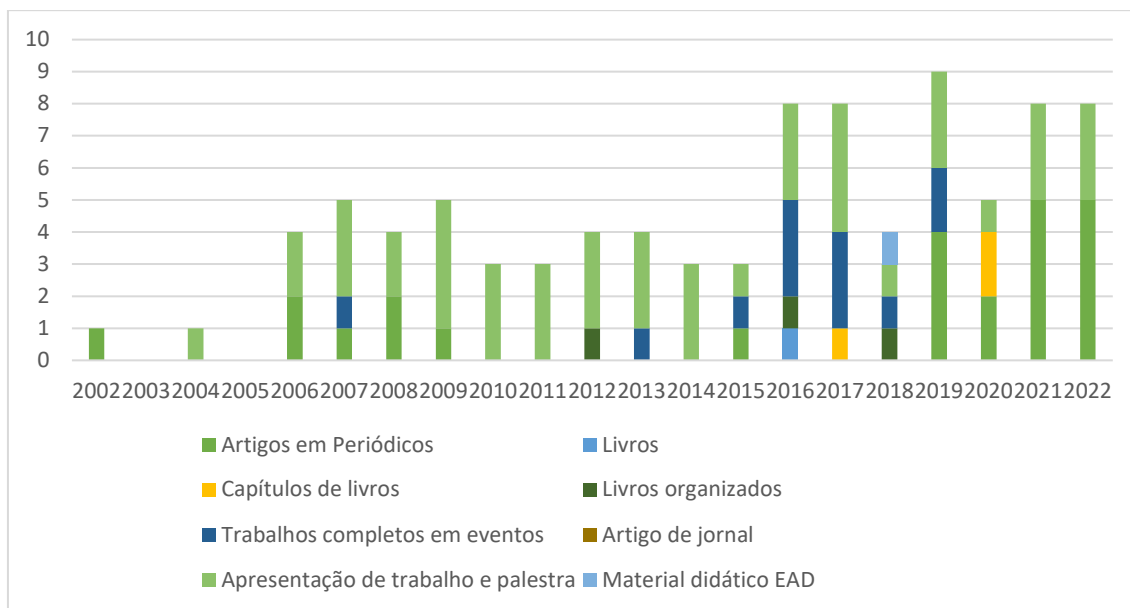


Gráfico 10 – Produção Bibliográfica de 1994-2022

Outro dado interessante, está relacionado ao tipo de periódico científico em que tenho publicado meus artigos científicos, de acordo com os estratos do Qualis da CAPES (2017-2020). No Gráfico 8, pode-se perceber que mais da metade de meus artigos estão distribuídos em periódicos A2 e A3.

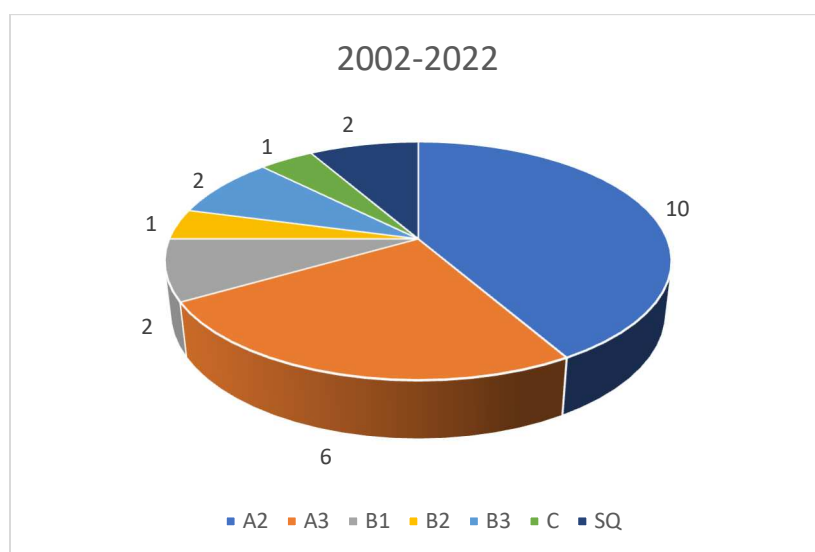


Gráfico 11 – Distribuição dos artigos científicos por estrato Qualis das revistas científicas

Já em relação ao tipo de autoria, percebe-se que na maioria de meus artigos eu apareço como autor secundário, ficando apenas como autora principal em 9 desses artigos, como representado do Gráfico 9:

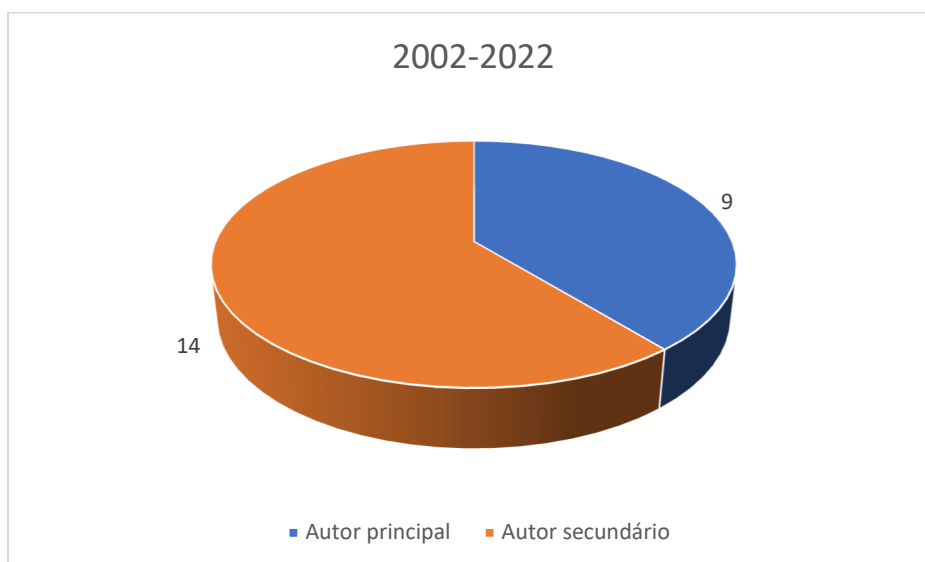


Gráfico 12 – Tipo de autoria na produção bibliográfica

Outro dado interessante, pode ser verificado na Tabela 1, que apresenta o índice de citação de meus artigos no Google Acadêmico.

Tabela 1 - Índice h no Google Acadêmico

	Todos	Desde 2018
Citações	178	50
Índice h	5	3
Índice i10	5	1

3.2 Produções Técnicas

Além da produção bibliográfica, nos últimos anos, dei entrevistas para a mídia sobre temas importantes para a área, ministrei cursos de

curta duração para a capacitação e/ou aperfeiçoamento dos profissionais bibliotecários, participei e participo como avaliadora de material didático desenvolvido para cursos de Biblioteconomia à distância, elaborei 3 apostilas para o curso de Técnico em Biblioteca do SENAC/BH, dei aulas de normalização de relatório técnico científico no curso de Enfermagem da UFMG a pedido da professora Mércia, para que os alunos pudessem fazer relatórios nas aulas práticas em hospitais mais bem elaborados, entre outras atividades técnicas. O Gráfico 13 apresenta a evolução dos meus trabalhos técnicos em geral.

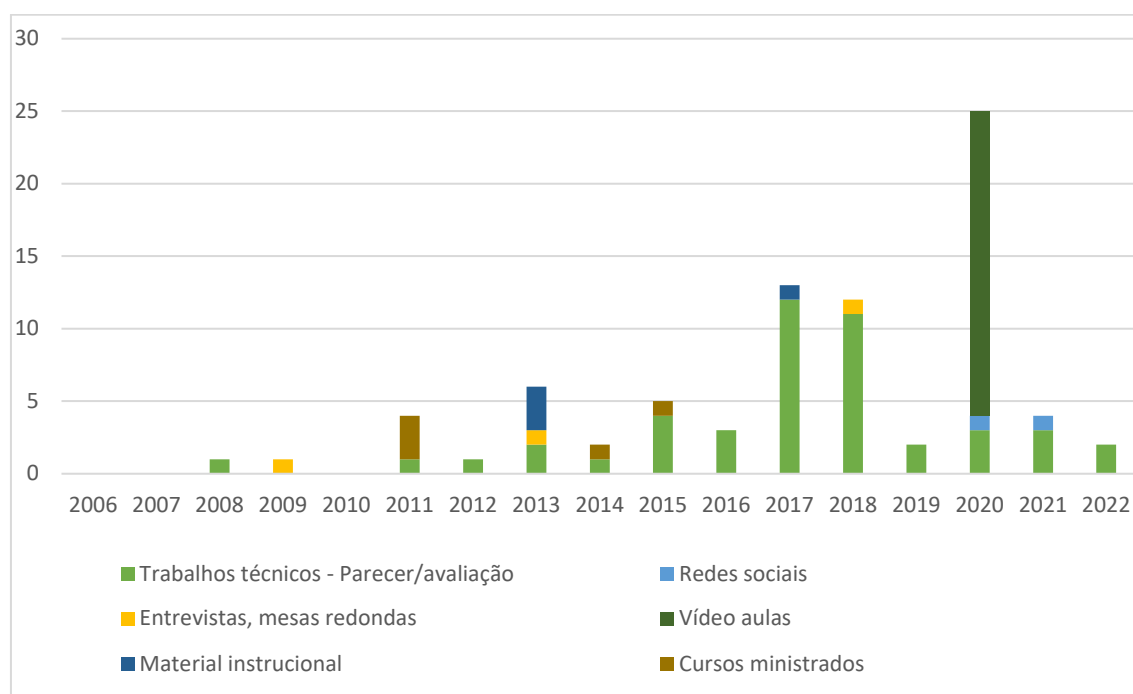


Gráfico 13 – Produção técnica de 2006-2022

3.3 Pesquisas

Com a minha vasta experiência na intersecção da biblioteconomia com a computação, tanto minha pesquisa de mestrado e de doutorado, foram desenvolvidas com base nesses dois campos do conhecimento.

Assim, quando do meu ingresso na UFMG, meu projeto de pesquisa se desenvolve nas seguintes linhas dentro da Biblioteconomia: Modelagem de dados, Padrões de metadados, Representação descritiva, Organização da Informação na WEB.

Esses temas fizeram parte do universo da minha tese de doutorado e constituem-se em teorias e práticas inovadoras dentro da área da catalogação e da representação descritiva no ambiente eletrônico.

3.3.1 Projetos de Pesquisa

a) Representação descritiva e Modelagem de dados

O projeto de pesquisa que desenvolvo na UFMG, como requisito para a manutenção de meu regime de trabalho de DE (Dedicação Exclusiva) é intitulado "Representação Descritiva e Modelagem de Dados"

O trabalho da representação descritiva hoje, nas bibliotecas digitais, a partir dos instrumentos de catalogação, criados ao longo de toda a experiência da biblioteconomia, especialmente os surgidos nos últimos dois séculos, é calcado num manancial muito grande de conhecimento acumulado. Para se catalogar um item não é necessário que se volte a outros similares de mesma categoria nem que se consulte usuários mais devotados ao seu uso. As fontes disponíveis já preveem a maioria das situações adequadas à representação descritiva dos itens/objetos relativos à grande parte dos atributos passíveis de ocorrer nos documentos a serem representados.

A visão do código de catalogação, como fonte de consulta para a resolução de processos de representação, ressalta o papel deste

instrumento como manancial de experiência prévia acumulada, preservando-se tipos e características do incontável número de itens que serviu para proporcionar paulatinamente a criação das regras hoje sistematizadas. Ressalta-se, entretanto que o conhecimento não é estático que e novas necessidades sempre surgem impulsionando a atualização dos referidos instrumentos.

Entretanto, no contexto das bibliotecas digitais, as técnicas biblioteconômicas devem ser incorporadas com os devidos ajustes. Conceitos devem ser revistos e trabalhados, dentre os quais se inclui o próprio conceito de biblioteca digital, sobre o qual Cleveland (1998) ressalta três dificuldades: 1) a variedade de termos adotados pela comunidade bibliotecária (biblioteca eletrônica, biblioteca virtual, bibliotecas sem paredes, biblioteca digital) sem, no entanto, definir com exatidão cada um deles; 2) a variedade de áreas de pesquisa envolvidas no estudo de bibliotecas digitais; 3) e a variedade de recursos eletrônicos que na internet são chamados de bibliotecas digitais, mas que do ponto de vista bibliotecário não são.

Apresenta esse autor uma definição operacional de bibliotecas digitais de um ponto de vista bastante esclarecedor para a comunidade biblioteconômica.

Segundo Cleveland (1998) ,

"Bibliotecas digitais são bibliotecas que tem os mesmos propósitos, funções e metas de uma biblioteca tradicional – gerenciamento e desenvolvimento de coleção, análise de assunto, indexação, provisão de acesso, trabalhos de referências e preservação."

O fato de se pensar a biblioteca digital como sendo basicamente uma biblioteca elimina grande parte da confusão conceitual que envolve o termo e permite que se conclua que a internet, como um todo, não pode ser considerado uma biblioteca digital, mas sim um universo repleto de bibliotecas digitais. A construção e implementação

de uma biblioteca digital vão muito além da simples criação de um *web site*, interferindo nessa tarefa assuntos muito mais complexos, tais como: a) a arquitetura técnica de uma biblioteca digital, que será completamente nova aos profissionais bibliotecários mas que continua necessitando de padrões comuns que garantam a interoperabilidade entre diferentes bibliotecas digitais; b) a construção e aquisição de coleções digitais; c) a digitalização; d) os metadados; e) a identificação única dos recursos digitais, que em itens bibliográficos tradicionais é conseguida através de números de registros locais e internacionais como o ISBN; f) a questão dos direitos autorais; e g) a preservação dos recursos digitais.

Como Mey (1987) pôde observar em sua pesquisa de mestrado, até o final da década de 1980, a teoria da representação descritiva e da catalogação ainda era baseada na prática do catalogador. Essa teoria possuía uma fragilidade teórica que vinha contribuindo para que os bibliotecários questionassem a validade e até mesmo a necessidade das normas de representação descritiva. Mas com o desenvolvimento das bases de dados bibliográficas automatizadas, a necessidade de rever, estudar e reorganizar estas normas foi reconhecida em 1990, no Seminário sobre Registro Bibliográfico, realizado em Estocolmo, o qual será estudado mais detalhadamente no decorrer desta tese. Este evento representa um marco para a intensificação dos estudos na área da representação descritiva, tendo contribuído significativamente para o surgimento de novas teorias.

A partir deste seminário, inúmeros estudos têm sido realizados para o aperfeiçoamento e evolução das normas de representação descritiva e contribuindo para o surgimento de novas iniciativas de bibliotecas digitais no ambiente *web*. Nesse sentido Jonsson (2002, p.3), nos lembra de que os princípios que sustentam o AACR2 estão sob uma intensa discussão dentro da comunidade biblioteconômica mundial.

De acordo com Mey (1987, p.46) a representação descritiva tem uma função muito clara de identificação dos itens bibliográficos e uma característica, igualmente clara de adequar os catálogos ao universo de usuários.

Segundo os autores da área de ciência da informação consultados, até a década de 1980, a representação descritiva teve o seu desenvolvimento atrelado à prática da catalogação e da bibliografia, sempre com a preocupação principal de identificar os elementos essenciais e complementares necessários para uma representação documental satisfatória e universal. Mey (1987, p.41) afirma que *"a grande contribuição da ISBD a possíveis avanços teóricos na descrição consistiu em reconhecer a independência desta em relação aos pontos de acesso"*.

Mas, a partir da década de 1990, as maiores agências internacionais da área da biblioteconomia, começaram a se preocupar com o aperfeiçoamento da representação descritiva, visto que emergiam exponencialmente novos tipos de suporte documental, principalmente suportes em mídia digital. Esta realidade fez surgir uma necessidade crescente de se adaptarem os códigos e as práticas de catalogação às mudanças, às novas formas de publicação eletrônica e ao advento do acesso em rede de recursos informacionais (IFLA, 1998).

A existência de padrões de catalogação universais e do formato de intercâmbio MARC veio facilitar a automação e o intercâmbio entre bases de dados bibliográficas. Usando-se computadores a padronização permitida por um formato, além de facilitar a recuperação da informação, garante a importação e exportação de dados entre os diversos sistemas computacionais, facilitando a interoperabilidade entre diferentes *hardwares* e *softwares* existentes no mercado, tornando viável a catalogação cooperativa.

Como marco importante dessas mudanças o *Seminar on Bibliographic Records*, realizado em 1990 na cidade de Estocolmo, contribuiu para o reconhecimento no campo da biblioteconomia mundial, entre outras coisas, de que a constante pressão para se ter um “nível mínimo” de catalogação, precisava ser repensada e reavaliada cuidadosamente. E isso teria por base não só a relação entre os elementos de dados de um registro, mas também e principalmente, as necessidades dos usuários (IFLA, 2003, p.2). Neste seminário, foram adotadas nove resoluções, das quais uma delas levou a estudos de um núcleo básico de representação descritiva, que deram origem a um grupo de estudos na IFLA para definir o FRBR – Exigências Funcionais para Registros Bibliográficos. Os estudos do FRBR se iniciaram em setembro de 1992 e foram concluídos em setembro de 1997. O grupo de estudos do FRBR teve como propósito:

“(...) delinear em termos claramente definidos, as funções de um registro bibliográfico em relação às várias mídias, várias aplicações e várias necessidades de usuários. (...) cobrir todo o alcance das funções de um registro bibliográfico em seu sentido mais amplo, isto é, um registro que não só abarque elementos descritivos, mas também pontos de acesso (autor, título, assunto etc.), outros elementos de organização (Nº de classificação etc.) e anotações (resumos, notas de conteúdos etc.).” (IFLA, 1998)

A análise dos elementos descritivos identificados pelo FRBR, foi desenvolvida utilizando-se da modelagem semântica de dados utilizada pela ciência da computação, através da ferramenta chamada modelo entidade-relacionamento, MER. Segundo Delsey,

“(...) técnicas de modelagem como a análise entidade-relacionamento e a análise orientada a objeto são comumente usadas em projetos de desenvolvimento de sistemas como um meio de compreender, em condições claramente definidas, as entidades ou objetos com os quais uma organização precisa manter informações e os relacionamentos lógicos entre essas entidades ou objetos. (...) Tais técnicas ajudam os projetistas de bancos de dados e os usuários de dados a entender por

uma perspectiva lógica a natureza dos dados, as relações entre as entidades ou objetos e o centro de dados; e as regras que interligam estas relações". (1997, p.2)

Baseados neste modelo semântico, o grupo de estudo do FRBR, identificou entidades e atributos básicos da representação descritiva, tendo sido utilizadas as seguintes fontes sobre padrões de representação descritiva: ISBD (*International Standard Bibliographic Description*); GARE (*Guidelines fore Autorithy and reference entries*); GSARE (*Guidelines for Subject Autorithy and Reference Entries*); UNIMAR (Marc Americano); AITF (*Categories for the Description of Works of Arts*).

Contudo, o FRBR não pretendeu apresentar à comunidade bibliotecária um modelo de representação descritiva definitivo. Seu objetivo maior foi apresentar sim, um nível básico para registros bibliográficos, um modelo semântico para o estudo e desenvolvimento posterior dos padrões de representação descritiva e catalogação.

Com base neste raciocínio, as práticas de catalogação e representação descritiva, podem ser vistas como técnicas refinadas de gerenciamento de dados, que estão relacionadas não apenas à representação descritiva, mas ao detalhamento do conteúdo dos documentos digitalizados em textos completos, presentes nas bibliotecas digitais.

"Propondo a aplicação de uma técnica deste tipo (...), sugerimos que se veja o processo de catalogação como nosso negócio e o próprio código como um conjunto de regras administrativas que se aplicam às entidades ou objetos que catalogamos. Desenvolvendo nosso modelo tentaríamos analisar a estrutura lógica subjacente do código, identificando em condições claramente definidas as entidades ou objetos que estão no centro desta estrutura e expressando de um modo sistemático as regras operacionais que orientam as relações entre estas entidades ou objetos" (DELSEY, 1997, p.2)

De acordo com o relatório final do FRBR, o uso do modelo entidade-relacionamento, MER para o estudo e aperfeiçoamento dos padrões de representação descritiva teve dois objetivos principais:

- definir uma arquitetura estruturada que permita relacionar os dados contidos em registros bibliográficos com as necessidades dos usuários destes registros;
- recomendar um nível básico de funcionalidade para registros bibliográficos.

No âmbito dos estudos do FRBR, um registro bibliográfico é definido como

"um agregado de dados que são associados com entidades descritas em catálogos de bibliotecas e bibliografias nacionais. Incluem elementos de dados descritivos; elementos de dados usados como pontos de acesso; outros elementos de dados para organização do registro em um arquivo; anotações; e dados específicos para cópias e reproduções." (IFLA, 1998)

Nesse estudo, os requisitos funcionais para registros bibliográficos são definidos em relação a algumas executadas pelos usuários, quando estes pesquisam em bibliografias nacionais, catálogos de bibliotecas e bases de dados informatizadas. Assim, foram de interesse para os estudos do FRBR, na atividade de identificar as entidades do modelo semântico de um registro bibliográfico:

- os dados utilizados pelos usuários como critério de busca;
- os dados recuperados em uma busca;
- os dados de seleção dos registros recuperados;
- os dados existentes em listas de aquisição e pedidos das bibliotecas.
- O nível de importância de cada atributo ou relação para uma determinada tarefa de usuário foi baseada:

- no conhecimento e experiência dos membros do grupo de estudo e de consultores;
- em evidências coletadas na literatura de biblioteconomia e em pesquisa empírica realizada por vários peritos fora do grupo de estudo.

Uma observação importante é que o FRBR não levou em conta apenas os dados coletados entre as necessidades dos usuários de bibliotecas, propriamente ditos. Os estudos foram buscar dados também entre os editores, livreiros e outros usuários de informação bibliográfica.

A estrutura deste modelo semântico permite o delineamento de uma arquitetura para medir a relevância de cada atributo e respectivos relacionamentos nas tarefas executadas por usuários de dados bibliográficos. Esta estrutura e o mapa de atributos e relacionamentos das tarefas do usuário, são usados como base para as recomendações do grupo de estudos, visando-se um nível básico de funcionalidade para registros criados por exigências bibliográficas nacionais.

Segundo Bergamin (2000) *“de maneira explícita, o FRBR faz referência ao modelo entidade-relacionamento ao nível de projeto conceitual como ponto de partida para desenvolver uma nova aproximação de todo universo bibliográfico”*. Embora critique o caráter generalizante das entidades e alerte para o fato de que as suas relações sejam contestáveis, Boretti (1999), afirma que a escolha do modelo entidade-relacionamento *“foi positiva, pois permite clareza para que situações complexas possam ser analisadas e por sua simplicidade relativa de compreensão e aplicação”*.

Assim, o objetivo dessa pesquisa é estudar a aplicação das ferramentas de modelagem de dados, no desenvolvimento e modernização de padrões de metadados e/ou regras de representação

descritiva tradicionais. A partir desse objetivo inicial poderemos também:

- Conhecer a fundo as ferramentas de modelagem de dados.
- Verificar a aplicabilidade dessas ferramentas para a construção da moderna teoria da representação descritiva em ambientes digitais.
- Propor requisitos mínimos de descrição para diversos tipos de documentos digitais e/ou para a estruturação de bibliotecas digitais.

O entendimento da base conceitual do FRBR, permitirá que minha pesquisa avance no sentido de viabilizar a implementação do novo código de catalogação proposto a partir da modelagem conceitual realizada pelo FRBR: o RDA (Resource Description Access).

b) Centro de Pesquisas em Representação do Conhecimento e Recuperação da Informação – CEPRECRI (2022 até o momento)

Projeto para criação de um Centro de Pesquisas em Representação do Conhecimento e Recuperação da Informação (CEPRECRI) para pesquisa e ensino no âmbito da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, envolvendo o curso de Biblioteconomia e o Programa de Pós-graduação.

Tem por objetivo criar um ambiente de pesquisa, ensino e aprendizagem que permita desenvolver reflexões teóricas para a aplicação de práticas inovadoras nas atividades acadêmicas de ensino-aprendizagem e de pesquisa, para a formação dos alunos do curso de biblioteconomia e de pós-graduação.

Essas práticas englobam os campos técnicos, tecnológicos e humanísticos inerentes à profissão, que serão alcançados com a realização de experiências, estudos e projetos nas seguintes áreas: Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação; Organização e tratamento da Informação; Recursos e Serviços de informação; Gestão da Informação; Tecnologias da Informação.

A criação do CEPRECRI se justifica por: (a) ser uma iniciativa de pesquisadores da área com objetivo comum de estudar temáticas nucleares do tratamento da informação; (b) projetar um ambiente de aprendizado formado por uma estrutura física organizada que funcionará como um espaço de práticas e pesquisas, onde será possível, a partir de estudos teóricos, a realização de experimentos.

Espera-se que esse ambiente auxilie os docentes e discentes a ampliar seu olhar crítico-reflexivo em relação à situação ideal (visão da teoria) e a situação material (visão da prática real).

3.3.2 Áreas de pesquisa

Com minha inserção na Pós-graduação, minhas linhas de pesquisa foram ampliadas, mas todas estão relacionadas com minha área de pesquisa principal: a catalogação.

Desta forma, minhas linhas de pesquisa atualmente são:

1. **Catalogação:** conceitos, história e epistemologia. Objetivo: Estudos epistemológicos em catalogação.
2. **Processos e produtos de representação descritiva.** Objetivo: Estudos sobre os processos para a construção e execução de uma representação descritiva de qualidade e dos produtos gerados por esses processos: catálogos de biblioteca, bases de dados referenciais, bibliotecas e repositórios digitais, fontes de informação, entre outros.

3. **Modelagem conceitual FRBR, FRAD e FRSAD, FRBR/LRM, FRBRoo.** Objetivo: Estudos avançados da família de modelos FR.
4. **Instrumentos de representação descritiva.** Objetivo: Estudos sobre normas, códigos, padrões de metadados e formatos de intercâmbio.
5. **Padrões de metadados para representação descritiva.** Objetivo: Estudos de padrões de metadados específicos para serviços de catalogação em bibliotecas tradicionais e bibliotecas e repositórios digitais. Alguns exemplos desses padrões: MARC, Dublin Core, MODS, BibFrame, entre outros.
6. **Catalogação em bibliotecas e repositórios digitais.** Objetivo: Estudos avançados sobre a catalogação em bases de dados de bibliotecas e repositórios digitais.
7. **Representação Descritiva e Modelagem de Dados.** Objetivo: linha do projeto de pesquisa que desenvolvo na UFMG, como requisito para a manutenção de meu regime de trabalho de DE (Dedicação Exclusiva).

3.3.3 Grupos de pesquisa

Atualmente, faço parte de 2 grupos de pesquisa registrados no CNPq, como membro.

a) Grupo de pesquisa Modelagem Conceitual para Organização e Representação da Informação Hipertextual (MHTX)

O Grupo MHTX tem por objetivo atingir a simplificação dos processos de organização, acesso e recuperação da informação, que são comumente complexos e insuficientes, quando se trata de versões impressas de teses e dissertações. Serve de laboratório para pesquisas que contribuem para a continuidade da implementação do Protótipo

MHTX e outras pesquisas realizadas como subprojetos do Projeto Modelagem conceitual de hipertextos: proposta metodológica para o gerenciamento do conteúdo semântico em Bibliotecas Digitais e na Web, descrito anteriormente. O conjunto da produção científica e seu detalhamento podem ser verificados através do Currículo Lattes dos participantes e, no presente texto, nas seções Publicações e Projetos de pesquisa, já detalhados anteriormente.

b) Grupo de Pesquisa em Representação de Conhecimento e Recuperação da Informação (RECRI)

Este Grupo tem como coordenadora a Profa. Célia da Consolação Dias, e a participação de mais quatro professores da ECI, além de mim, da Profa. Benildes Coura Maculan, da Prof. Cintia Lourenço e da Profa. Elisangela Aganette. A criação do grupo de pesquisa RECRI se justificou pela necessidade de desenvolver projetos práticos e teóricos que suprissem as lacunas existentes nas áreas que compõem a organização do conhecimento e da informação. O objetivo principal do Grupo de Pesquisa RECRI é realizar investigações no âmbito da Organização da Informação e do Conhecimento, visando ao desenvolvimento de reflexões teóricas para a aplicação de práticas inovadoras relacionadas ao processo.

4 PARTICIPAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Em relação à participação em eventos, minha atuação tem sido desde a apresentação de pôsteres até a simples participação como ouvinte, como mostram o Gráfico 14, pode ser observado meu percurso desde o doutorado na UFMG:

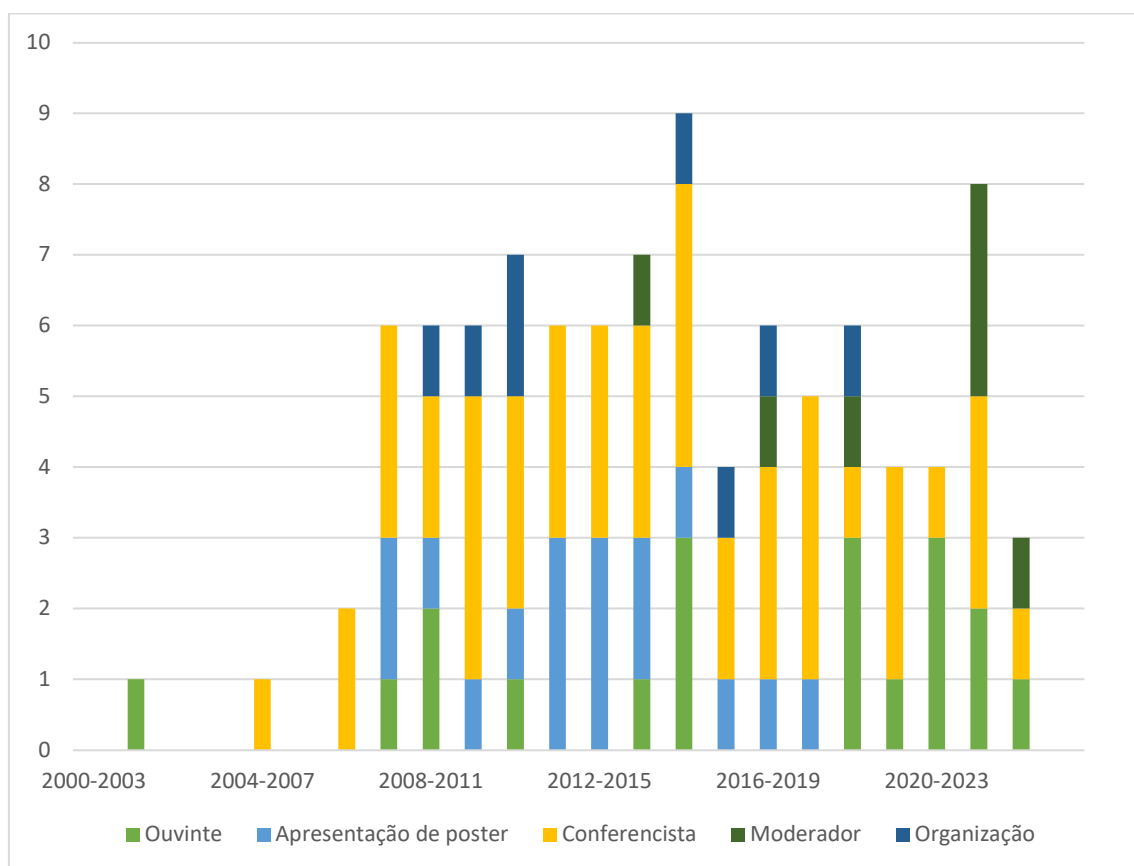


Gráfico 14 – Participação em eventos

Participei de 39 eventos nesses anos, e, desse total, fui apenas ouvinte em 19 eventos, apresentei 46 trabalhos e 14 foram publicados. Apresentei 17 pôsteres, fui moderadora em 7 eventos e participei da organização de 8 eventos, entre eles, os Seminários do Grupo de Pesquisa MHTX.

5 ORIENTAÇÕES

Além das aulas ministradas no curso de biblioteconomia, também participei de orientações de iniciação científica, de cursos de especialização, de mestrado e de doutorado. Essas atividades foram realizadas tanto durante o meu doutoramento, continuando após meu ingresso na UFMG no quadro efetivo de docente.

Como docente da UFMG orientei muitos projetos de estágio, atividade que era obrigatória durante a realização do Estágio Supervisionado obrigatório. Era uma atividade em que o aluno precisava de um professor orientador para o desenvolvimento de um projeto de serviços e/ou produtos para a biblioteca onde estagiava.

5.1 Orientações na Graduação

Na graduação, orientei iniciação científica, monitoria e extensão, principalmente no Programa PRONOTURNO. O Gráfico 15 mostra como essa atuação se consolidou de 2001 a 2022.

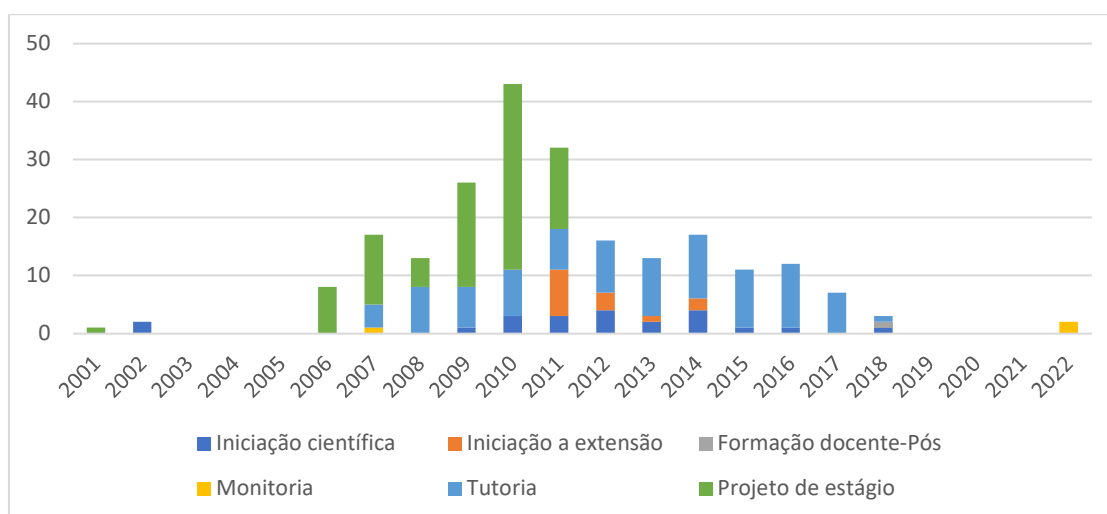


Gráfico 15 – Orientações de alunos de graduação

5.2 Orientações na Pós-Graduação

Já na pós-graduação, minhas orientações se iniciaram no curso de especialização do NITEG, acontecendo entre 2007 a 2011. Após esse período, fiquei um longo tempo e dedicando especialmente ao curso de graduação em Biblioteconomia.

Somente em 2016 ingressei oficialmente no programa de pós-graduação *Stricto Sensu* e comecei as orientações de mestrado e doutorado. O Gráfico 16 mostra a evolução dessas orientações:

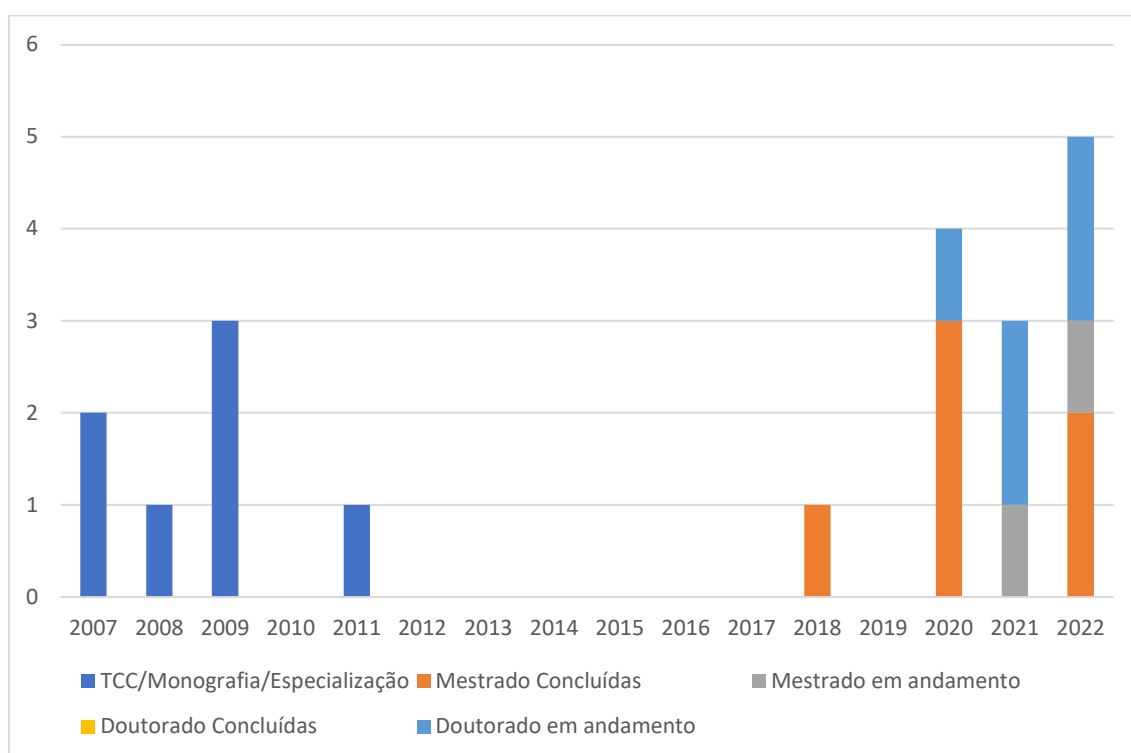


Gráfico 16 – Orientações na Pós-graduação (Lato sensu e Stricto sensu)

A concentração de orientações entre 2018 e 2022 acontece devido ao momento em que coletei as informações em meu currículo Lattes: as orientações aparecem como orientações concluídas, ou seja, não

mostra o período da orientação e sim sua conclusão ou não (orientações em andamento).

Como ingressei no PPGGOC em 2016, ainda não tenho doutorados concluídos, pois comecei a ter orientandos de doutorado em 2020.

6 PARTICIPAÇÃO EM BANCAS

Desde minha entrada no corpo docente da UFMG, tenho participado tanto de bancas acadêmicas, quanto de bancas de caráter administrativo.

6.1 Bancas Acadêmicas

Como na graduação, as atividades que exerci na pós-graduação, se iniciaram nos cursos de “Arquitetura e organização da informação” e “Gestão estratégica de informação”, em nível de *lato sensu*. Neste curso, além das disciplinas, orientei monografias de conclusão de curso e participei de bancas de defesa dessas monografias, como pode ser observado no Quadro 17.

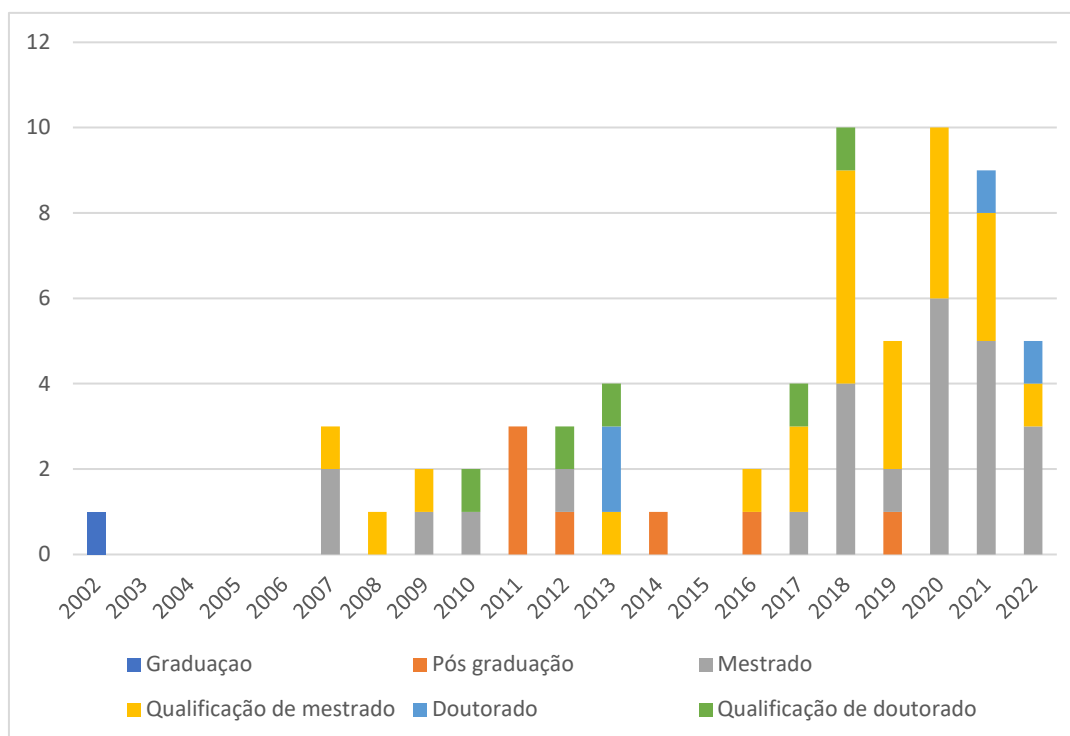


Gráfico 17 – Participação em bancas

Além do envolvimento com os cursos de especialização ofertados pela ECI, participei de diversas bancas de mestrado e doutorado, tanto de qualificação, quando de trabalhos finais, podendo contribuir com as pesquisas realizadas no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Escola de Ciência da Informação da UFMG (2007-2013). Nessa época ainda não estava atuando no Programa de Pós-graduação da ECI. Considero essas participações muito importantes para preparar-me para atuar mais efetivamente na pós-graduação como orientadora.

Fui me credenciar na pós-graduação em 2016, no novo programa que estava se iniciando na ECI: o Programa de Pós-graduação em Gestão e Organização do Conhecimento (PPGGOC).

Neste programa já orientei mestrados, sendo que alguns já foram defendidos e oriento doutorado ainda sem nenhuma defesa.

6.2 Bancas Administrativas

Por bancas administrativas, entende-se as bancas de seleção de professores, avaliação de cursos de graduação, seleção de bolsistas de graduação (iniciação científica, monitoria e extensão), avaliação de trabalhos na Semana do Conhecimento, seleção de pós-graduação, entre outras. Minha atuação neste tipo de bancas julgadoras, pode ser observado no Gráfico 18:

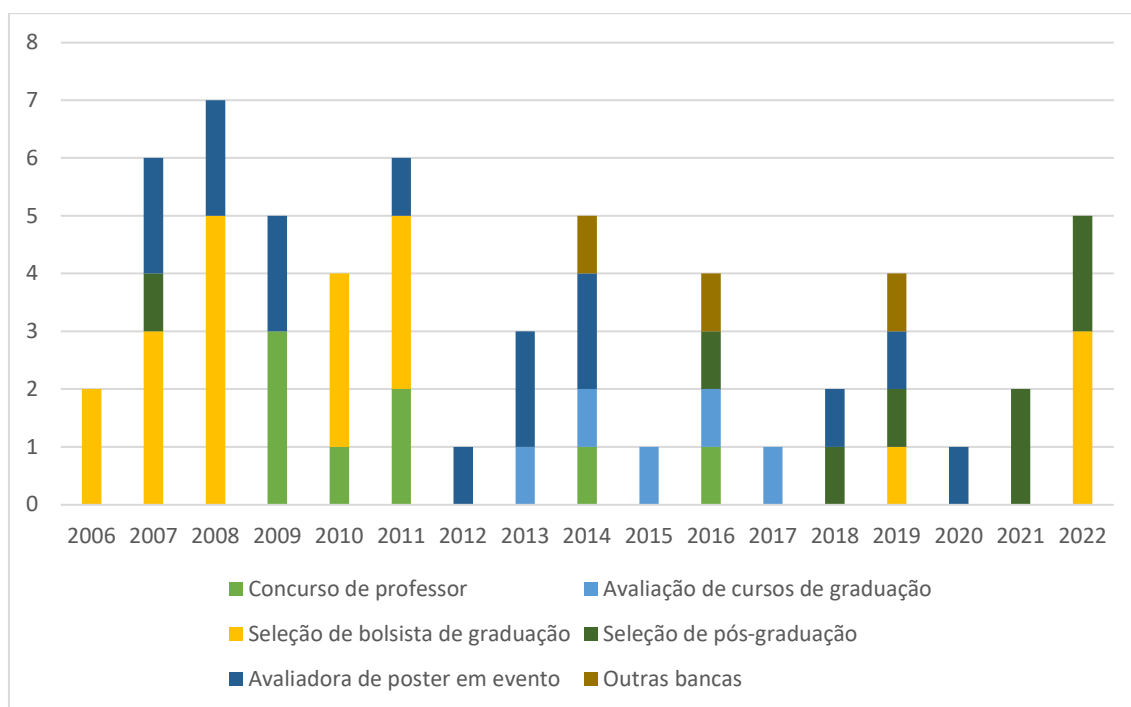


Gráfico 18 – Bancas administrativas de 2006 a 2022

Dessas atividades, algumas bancas que não puderam ser classificadas nas categorias citadas, ficaram agrupadas como outras bolsas. São elas:

- Seleção de professor visitante
- Seleção de bolsista do Programa de Incentivo à Formação Docente (PIFD), que selecionou alunos da Pós-graduação para desenvolvimento de produtos para o ensino de graduação.
- Parecer para avaliação de propostas para o Programa de Inovação e Qualidade de Ensino de Graduação (PIQEG), apresentado à Pro-reitoria de Graduação para edital específico.

7 ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Com minha entrada no corpo docente da UFMG, tive meu primeiro contato com a extensão. Esta é uma atividade muito cara para a universidade, e por isso tenho tentado participar de alguma forma, ou como coordenadora do projeto, ou como integrante de projetos de outros docentes.

De 2006 até o momento, participei de 7 projetos, sendo que em 3 estava na coordenação. São eles:

a) Preservação e acesso dos acervos raros e especiais da Biblioteca Universitária da UFMG (2011 – 2012)

De 2011 a 2012, desenvolvi meu primeiro projeto de extensão em parceria com a Biblioteca Universitária da UFMG, mais especificamente com o Setor de Obras Raras: "*Preservação e acesso dos acervos raros e especiais da Biblioteca Universitária da UFMG*", como uma das coordenadoras. O objetivo principal desse projeto era conseguir financiamento para o trabalho dos profissionais especializados da Biblioteca na restauração e preservação das obras raras.

As Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais, cobre diversas áreas do conhecimento. Inclui número expressivo de raridades bibliográficas que retratam, dentre outros assuntos, a história de Minas Gerais e do Brasil. Devido ao valor histórico, literário, cultural e patrimonial deste acervo, torná-lo disponível e acessível é condição essencial para o resgate de nossa memória regional e nacional.

A notória importância histórico-cultural das Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG (BU-UFMG) justifica a ação que se pretende. Muitos professores, pesquisadores e a comunidade em geral têm este acervo como fonte de pesquisa e resgate da memória

histórica da UFMG. Alguns exemplares guardados pela Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária são únicos, o que aumenta a responsabilidade pela guarda e preservação criteriosa dessa coleção.

Um dos principais fatores de degradação física de documentos históricos é a ação humana. A manipulação diária do acervo compromete o estado de conservação do mesmo, podendo causar perdas irreversíveis. Assim, a digitalização contribuirá para a preservação do acervo possibilitando o acesso por meio de microcomputadores que funcionarão como terminais de consulta e pesquisa. Inclusive o acesso remoto através do site da BU-UFMG. A organização das Coleções Especiais da BU-UFMG, neste projeto, pretende aliar a organização do acervo à conscientização da comunidade da importância destes acervos como documento histórico e fonte de pesquisa.

b) Programa Carro-Biblioteca (2011-2012)

Também coordenei o programa "*Carro-Biblioteca: frente de leitura*", de 2011 até 2013, substituindo a professora Adriana, que por motivo de saúde precisou sair da coordenação, mas tinha recebido uma verba para modernizar e melhorar o Carro-biblioteca através de um projeto feito por ela a um edital do PROEXT/MEC, que precisava ser gerenciada por outro professor.

O este programa, é o segundo programa de extensão mais antigo da UFMG e desde sua concepção, em 1973, o Carro-Biblioteca vem atendendo a comunidades com problemas socioeconômicos da Grande Belo Horizonte, oferecendo acesso ao universo cultural e informacional através da leitura e promovendo novos olhares sobre o conhecimento.

A cada ano, percebe-se um aumento gradativo do número de novos leitores inscritos e empréstimos realizados. Os projetos

integrantes do presente programa têm recortes distintos e privilegiam diferentes aspectos em relação à questão informacional, mas de forma concreta buscam contemplar as possibilidades dos trabalhos que são da competência da Escola de Ciência da Informação. Nos últimos anos o Programa vem assistindo ao desdobramento dos projetos que o compõem e à criação de novos projetos.

O programa abriga vários outros projetos de extensão em seu escopo como: Conto e Reconto, Inclusão Digital: o carro-biblioteca da UFMG como telecentro, Boletim Bairro a Bairro e A cidadania da infância em hipermídia: educação para os direitos da criança nos 20 anos do estatuto da criança e do adolescente, entre outros.

De forma objetiva é possível afirmar que o Projeto Conto e Reconto através das atividades propostas (rodas de leitura, ler em voz alta, contação de histórias, ler o livro ver o filme) utiliza de forma ampla toda a infra-estrutura oferecida pelo Carro-Biblioteca, além de propiciar aos bolsistas envolvidos oportunidades de aprendizado que complementam a grade curricular da graduação em biblioteconomia através da experiência prática e do contato com o leitor.

Somando-se a este trabalho ganha também importância o projeto Inclusão Digital: O Carro-Biblioteca da UFMG como telecentro, que amplia o conceito de democratização da informação apresentando-a outros suportes, a partir de recursos multimídia e de acesso à Internet.

Através do projeto Boletim Bairro a Bairro, o programa prevê também a produção de informação nas comunidades, tanto através do boletim em seu formato impresso convencional, quanto através da produção de um filme que registre a participação do Programa nas comunidades e de blogs que representem as comunidades, em interação com o projeto Inclusão Digital.

Finalmente, o projeto A cidadania da infância em hipermídia - visando capacitar educadores e jovens que atuam nas comunidades

atendidas pelo programa para que conheçam os direitos da criança e possam colaborar para a sua efetivação. Portanto, ao focar as ações em termos de uma cidadania informacional, tem-se a confiança de que o programa e seus projetos contribuem para que os diferentes atores participem, de forma concreta, enquanto sujeitos.

c) Organização da Biblioteca da Associação Comunitária do Bairro Beatriz (2013-2014)

Quando me desliguei da coordenação do Carro-biblioteca, iniciei um novo projeto de extensão como coordenadora: "*Organização da Biblioteca da Associação Comunitária do Bairro Beatriz*", inspirado por uma demanda apresentada ao centro de extensão da ECI pela própria associação de bairro. Esse projeto foi desenvolvido nos anos de 2013 e 2014.

O presente projeto, no ano de 2013 iniciou a organização da Biblioteca da Associação Comunitária do Bairro Beatriz (ACBB), foi construída em 30 de outubro de 2006 e é representada atualmente pelo seu presidente, o Sr. Ivo Eustaque Bruno, sediada na rua Itamarati 249 –Beatriz-Contagem/MG – Cep 3240-060.

A Associação Comunitário do Bairro Beatriz (ACBB) é uma entidade sem fins lucrativos e sobrevive de Doações e parcerias, prestando os seguintes serviços à comunidade:

- Distribuição de frutas , legumes , verduras e cereais para as famílias carentes;
- Cursos profissionalizantes , informática , telemarketing , auxiliar administrativo , corte e costura;
- Cursos artesanais para jovens , adultos e idosos;
- Curso de produtos de limpeza para jovens , adultos e idosos;
- Acompanhamento do desenvolvimento e crescimento

infantil , idade de 1 a 12 anos.

- Biblioteca comunitária.

Esta Biblioteca comunitária, que foi inaugurada em 27 de Agosto de 2011 em uma parceria com a loja maçônica que fez a doação do acervo. A biblioteca dispõe de cerca de aproximadamente 4.000 exemplares, entre eles enciclopédias , livros infantis , revistas, livros didático , dicionários , etc. Que foram listados para iniciarmos um processo de seleção do mesmo, no ano de 2013.

Vale ressaltar aqui, que o trabalho na biblioteca iniciou-se efetivamente em junho de 2013, pois a seleção de bolsista foi realizada efetivamente após a abertura do edital por 4 vezes. Como no início do ano houve reposição da greve e consequentemente um intervalo muito longo entre o final do 2º semestre de 2012 e o 1º semestre de 2013, os alunos demoraram a se organizar para seu retorno as atividades acadêmicas.

Esse cenário atrasou expressivamente o desenvolvimento das atividades do bolsista e o atraso na execução do projeto. Dessa forma a continuidade do projeto em questão se faz necessária para que a Escola de Ciência da Informação possa finalizar o trabalho iniciado na Biblioteca da Associação.

d) BPM Acadêmico: mapeamento de processos e fluxos informacionais ECI-UFMG (2017-2019)

A disseminação do uso de sistemas de informações e de ferramentas automatizadas para geração de planilhas, textos e outros tipos de controles tem gerado nas organizações um novo e acumulativo acervo de documentos digitais e de informações em sistemas.

Não obstante esse cenário que se multiplica dia a dia observa-se

que na maioria dos casos há uma ausência de gestão dessas informações, que geralmente são organizadas em “silos”, como por exemplo, documentos do setor de recursos humanos, documentos do setor de compras, documentos do setor financeiro etc, descaracterizando a unicidade de um conteúdo organizacional.

Atualmente, a rotina informacional das organizações transita tanto no mundo físico quanto eletrônico. Conciliar um legado de documentos em papel, armazenados em arquivos ainda com características probatórias e legais, com sistemas de informações e documentos digitais tem desafiado pesquisadores, profissionais da informação e profissionais que atuam no mercado de tecnologia da informação.

Considerar processos e regras de negócios, estratégias corporativas, compliance, cultura organizacional, arquitetura (tecnológica) corporativa, patrocínio de gestores, gestão de mudanças, normatização e áreas do conhecimento envolvidas não parece o caminho mais ágil em um momento de rápidas transformações. Porém, é o caminho mais seguro para se criar uma estrutura real e executável, e que deve ser considerado em projetos de automação.

Este projeto teve como objetivo mapear os processos de negócio da Escola de Ciência da Informação realizando o mapeamento e a modelagem, através do levantamento, revisão e reestruturação dos processos de negócio juntamente com os funcionários de cada área, visando a identificar eventuais gaps na rotina de atividades, bem como reestruturar os processos que não estejam em consonância com o planejamento estratégico da instituição, resultando na otimização e potencialização dos recursos intelectuais existentes.

O projeto se baseou nas seguintes macro etapas: i- Definir plano de ação com critérios de prioridade de cada área e seus respectivos processos; ii- Definir cronograma de execução de acordo com o plano de ação elaborado; iii- Capacitar os funcionários para que os mesmos sejam capazes de mapear, descrever e desenhar os seu próprios

processos e atividades de acordo com sua área de atuação; iv- Validar e ajustar periodicamente os processos descritos e desenhados por cada área; v- Avaliar e redefinir papéis, competências, responsabilidades e atribuições de cada funcionário de acordo com os processos e atividades da ECI.

e) Políticas de Indexação e Manuais de Procedimentos (2019-em andamento)

Na Biblioteconomia e Ciência da Informação, o campo do Tratamento da Informação é responsável por estudos que visam a facilitar a organização de recursos informacionais para a disseminação e a recuperação de informações úteis às necessidades da sociedade.

Ressalta-se que este é um subprojeto de um projeto mais amplo, Tratamento, Disseminação e Recuperação Da Informação, que tem como objetivo desenvolver investigações relacionadas às práticas de Tratamento da Informação, para verificar e avaliar as demandas em diferentes unidades de informação.

Uma Política de Indexação tem como objetivos harmonizar o acesso por assunto em seu catálogo e explicitar as decisões da indexação para os catalogadores e para os usuários. Ela só poderá ter continuidade e aperfeiçoamento no decorrer dos anos se devidamente registrada em documentos, de modo a que se possa ter clareza do conjunto de decisões tomadas, suas razões e seu contexto.

Todos os Manuais de Procedimentos apresentam uma descrição de como deve ser realizada a leitura do documento com fins à indexação, como por exemplo, recomendações sobre quais partes do documento que devem ser lidas e quais as que devem ser evitadas.

f) Modelagem de Repositório para a Gestão da Informação Institucional (2019- em andamento)

Arquivos, bibliotecas e museus têm armazenado, organizado, preservado e disseminado informação desde suas origens, independente da infraestrutura (manual ou automática) disponível. Eles vêm sendo denominados de equipamentos culturais e são ambientes de excelência dedicados ao compartilhamento de informação e conhecimento, assumindo um papel relevante em sistemas de informação inovativos de memória e cultura.

Há algum tempo, a evolução dos sistemas de informação ofereceu melhores opções para o acesso à informação, resultando em situações em que as coleções/acervos desses equipamentos culturais podem ser consultadas remotamente a partir de catálogos em linha, e recuperadas quando, por exemplo, são digitalizadas e disponibilizadas.

No entanto, a tecnologia atual ainda apresenta como barreira a restrição do acesso e a interligação dos conteúdos, limitando as possibilidades de integração de diferentes acervos digitais entre si. Atualmente, em vista da amplitude das exigências aos pesquisadores pela sociedade, expressas pelos pressupostos da Ciência Aberta, as universidades começam a expandir a ideia de implantação de repositórios digitais institucionais.

Esse é o caso da UFMG, pois está em andamento o projeto de criação do Repositório Digital da Produção Intelectual da Universidade Federal de Minas Gerais.

Repositórios institucionais precisam ser detalhadamente planejados nos seus vários aspectos, como: a estrutura de representação da informação e seus respectivos metadados, a infraestrutura tecnológica, a divisão dos papéis dos diferentes usuários, os processos de povoamento e, muito especialmente, as

políticas, tanto de povoamento, como de uso e de preservação das informações neles contidas.

A universidade se torna, assim, um espaço para a construção de conhecimento, preocupando-se em disseminar os resultados obtidos para a sociedade. A implementação do repositório institucional da UFMG exige uma mudança de paradigma na disponibilização da produção intelectual da universidade e, em consequência, da ECI, pois passa a dar acesso, juntamente às teses, dissertações e monografias, a outras produções científicas (artigos de periódicos e eventos, por exemplo), culturais e técnicas (recursos educacionais) da comunidade UFMG.

Nessa perspectiva, considera-se que os profissionais de informação, como gestores, assumem um papel estratégico para o sucesso do desenvolvimento, implementação e manutenção do repositório institucional da UFMG e, mais especificamente, da coleção da ECI, na determinação de políticas de funcionamento, escolha e inserção dos metadados, avaliação e aprimoramento dos procedimentos adotados no treinamento ao usuário.

Com isso, espera-se contribuir na promoção da visibilidade da produção científica, na preservação da memória, disseminação e organização da informação em uma instituição.

g) Serviços e Produtos para a Organização da Informação e Conhecimento (2019- em andamento)

O Programa “Serviços e produtos para a Organização da Informação e Conhecimento” busca estimular a integração entre docentes, discentes e pesquisadores ligados ao Programa de Pós-Graduação em Gestão & Organização do Conhecimento (PPGGOC), da Escola de Ciência da Informação (ECI), da Universidade Federal de

Minas Gerais (UFMG), e outros pesquisadores e outras instituições e organizações de pesquisa, tecnológicos e de inovação.

Tem como objetivo fomentar iniciativas de serviços e produtos de informação, visando o desenvolvimento de projetos e empreendimentos conjuntos, propiciando condições de acesso e compartilhamento de conhecimentos. Isso se justifica uma vez que é notório o papel econômico da informação como insumo para o desenvolvimento de produtos, captação de recursos, conhecimento de mercado e sobrevivência das organizações públicas e privadas.

Além às ações de extensão, integram-se também ações de ensino e pesquisa. Essas ações tiveram início em 2014 com um Projeto de Cooperação Técnica entre a UFMG e a Embrapa Campinas/SP, quando se tomou conhecimento das demandas e oportunidades para a criação e validação de Sistemas de Organização da Informação (SOC). As principais estratégias de articulação entre a universidade e a sociedade serão norteadas por uma construção de conhecimento dialógica e horizontal.

Esse programa aplicará uma abordagem que problematiza situações em que os sujeitos adentram na realidade/contexto local, compartilham o conhecimento apreendido dentro da universidade e absorvem o saber da sociedade, proporcionando a construção dialógica do conhecimento. Assim não terá vertente assistencialista.

Algumas críticas têm sido feitas à universidade pública pelo seu pressuposto distanciamento da sociedade, desenvolvendo pesquisas que pouca relação tem com as demandas sociais. É com base nessa questão e preocupação que se concebeu o presente programa, que tem como finalidade estabelecer ou aprofundar a interação da universidade com a sociedade na qual se encontra inserida.

O compartilhamento da informação em ambientes de especialidade e na web tem sido estudado por muitos cientistas,

contexto no qual o estudo sobre a aplicabilidade da modelagem conceitual é essencial.

O trabalho de modelização semântica é requisito essencial na criação e implantação de sistemas de recuperação de informação (SRI), permitindo que os usuários ou as ferramentas de busca alcancem maior eficácia no momento do acesso à informação.

Uma arquitetura de informação desorganizada, decorrente de um design conceitualmente deficiente, tende a dificultar a busca e o folheio (browsing) por parte do usuário, da mesma forma que dificultaria (ou mesmo, impediria) a recuperação realizada por máquinas de busca (search engines).

A organização semântica de determinada área de conhecimento, teria como produto uma rede semântica ou conceitual e demandaria a implantação de um sistema de conceitos integrados entre si. De maneira ideal, esse processo deveria preceder a fase de implantação do sistema, ocorrendo na fase de construção do SRI.

h) BPM Acadêmico 2.0 (2023 – em andamento)

O BPM (Business Process Management) Acadêmico 2.0 é um redesenho e gestão de processos, pois com a implantação do SEI para gerenciar os processos administrativos da UFMG, o mapeamento realizado pelo primeiro projeto BPM (2017) ficou desatualizado.

Dessa forma, o BPM 2.0 é a continuidade do Projeto de Modelagem de Processos Administrativos ECI UFMG, que foi desenvolvido no período de outubro de 2017 a dezembro de 2019 e teve como objetivo Mapear os processos de negócio da Escola de Ciência da Informação - AS-IS: levantamento, revisão e reestruturação dos processos de negócio juntamente com os funcionários de cada setor visando a identificar eventuais gaps na rotina de atividades.

E foi no final do primeiro BPM em 2019 que a implantação do SEI se iniciou na UFMG, o que fez com que vários processos tivessem uma alteração bastante significativa em seus fluxos.

Dando continuidade ao escopo, tem-se como foco a modelagem TO-BE, por meio do BPM Acadêmico 2.0, com intuito de reestruturar os processos que não estão em consonância com o planejamento estratégico da ECI, resultando na otimização e potencialização dos recursos humanos, financeiros e tecnológicos.

O redesenho reestruturação de processos pode trazer inúmeros benefícios para a ECI, sendo eles:

- Aumento da eficiência: Ao otimizar processos existentes, é possível remover etapas desnecessárias e tornar a execução mais rápida e eficiente.
- Redução de custos: Ao simplificar processos e eliminar desperdícios, é possível reduzir os custos operacionais e aumentar a rentabilidade da instituição.
- Melhoria da qualidade: O redesenho de processos permite identificar e corrigir problemas de qualidade, resultando em produtos e serviços de melhor qualidade para os comunidade acadêmica, professores, gestores, alunos, técnicos.
- Aumento da satisfação do usuário: Processos mais eficientes e de melhor qualidade tendem a levar a uma maior satisfação dos usuários/cliente, o que pode resultar em melhores relacionamentos e maiores oportunidades de negócios.
- Maior agilidade: Processos redesenhados são mais ágeis e flexíveis, permitindo uma melhor resposta às mudanças no mercado e nas necessidades dos usuários/clientes.
- Maior motivação dos funcionários: Quando os processos são otimizados, as tarefas tornam-se mais fáceis e mais claras, o que pode resultar em maior motivação e satisfação dos funcionários.

- O redesenho de processos pode trazer benefícios significativos para a eficiência, rentabilidade, qualidade, satisfação do cliente e agilidade da ECI.

Desse modo, acredita-se que o projeto BPM Acadêmico 2.0 trará benefícios, tais como:

- Eficiência: ajudará a automatizar e otimizar processos acadêmicos, como matrícula, avaliação e gerenciamento de currículos, resultando em maior eficiência e agilidade.
- Transparência: fornecerá transparência nos processos acadêmicos, permitindo que alunos, professores e gestores acessem informações em tempo real.
- Colaboração: colaboração mais eficiente entre diferentes departamentos e indivíduos envolvidos em processos acadêmicos.
- Melhoria da qualidade: identificar e corrigir problemas em processos acadêmicos, resultando em uma melhoria na qualidade do ensino e da gestão acadêmica.
- Tomada de decisões informadas: fornecerá uma visão clara e precisa dos dados acadêmicos, o que permite tomar decisões informadas sobre o futuro do ensino e da gestão acadêmica.

8 PROJETOS E PROGRAMAS DE ENSINO

Além dos projetos de extensão e de pesquisa, também me envolvi em outros projetos, e se pode dizer que alguns são projetos de ensino e outros são projetos mistos que congregam extensão, pesquisa e ensino ao mesmo tempo. São projetos desenvolvidos através de editais específicos lançados pela própria UFMG, com o objetivo de incrementar o ensino, principalmente na graduação e incluir mais alunos nos projetos da Universidade.

a) PRONOTURNO do Curso de Biblioteconomia da ECI (2007-2018)

O PRONOTURNO foi um programa de tutoria, que se destinou a possibilitar aos estudantes dos cursos noturnos, que habitualmente trabalham, mas que demonstrem potencial para ter destacado desempenho acadêmico. Para esses estudantes o programa oferece uma bolsa, para que eles possam também desenvolver atividades em projetos de pesquisa (iniciação científica), projetos de extensão e monitoria.

Inicialmente a proposta era para que com a bolsa os alunos da noite pudessem se dedicar totalmente aos estudos, sem precisar trabalhar. Entretanto, a Universidade percebeu que essa proposta ia de encontro com as realidades pessoais desses alunos, que muitas vezes precisam contribuir financeiramente com suas casas, e o valor da bolsa é muito inferior a essas necessidades pessoais.

Dessa forma, a universidade flexibilizou essa exigência, para que a inclusão dos alunos da noite nos projetos da ECI, fosse plenamente efetivada.

Este programa recebe 12 bolsas, possibilitando o atendimento de 12 alunos por ano. A bolsa dura até o final do curso, quando o bolsista sai do Programa e abre nova vaga.

Esses bolsistas são distribuídos entre vários professores orientadores, atuando em monitoria, extensão e iniciação científica, de acordo com a demanda do professor orientador.

b) Projeto de Monitoria do Departamento de Organização e Tratamento da Informação (2007)

O Projeto de Monitoria de Graduação do Departamento de Organização e Tratamento da Informação tem por objetivo contribuir na melhoria do ensino das disciplinas de graduação da área de organização e tratamento da informação. Para tanto, são desenvolvidas atividades de pesquisa, planejamento e gestão que auxiliam na incorporação dos instrumentos digitais na mediação dos processos educacionais.

O projeto atende as disciplinas: Tratamento da Informação I, Tratamento da Informação II, Tratamento da Informação III, Tratamento da Informação IV, Modelagem Conceitual, Software de Bibliotecas.

Dentre as atividades desenvolvidas pelas bolsistas se destacam: levantamento e atualização bibliográfica, estruturação das disciplinas no Moodle, monitoria eletrônica e presencial, manutenção de websites, levantamento, avaliação e organização de ferramentas eletrônicas de representação temática da informação e estudo das tendências pedagógicas envolvendo o ensino a distância.

A realização dessas ações contribui no atendimento específico das demandas dos alunos em sala de aula, na atualização e incorporação das tendências de pesquisa e ensino em organização da informação e

no desenvolvimento e estímulo ao surgimento de novos pesquisadores e docentes para o campo da Ciência da Informação.

c) Programa de Incentivo à Formação Docente - PFID (2015-2019)

Este foi um projeto de iniciação à docência, voltado para a integração de alunos da pós-graduação da ECI, na melhoria do ensino na graduação.

Os futuros profissionais do curso de Biblioteconomia devem estar aptos a manter uma relação entre a teoria e a prática, para refletir, de forma crítica, sobre os problemas que se manifestam entre o fazer intelectual e o fazer técnico. Acredita-se que é a junção desses dois elementos que torna possível criar inovações em um campo de conhecimento, aplicando-o em experimentações, necessidade essa que é motivação de cientistas desde Arquimedes.

Sendo o ensino um dos principais pilares da universidade, a aprendizagem pode ser transformada em produtos, processos e tecnologias, bens culturais e práticas inovadoras, gerando desenvolvimento e bem-estar para a sociedade.

Nesse sentido, o problema ora observado é a carência de material didático para as disciplinas incluídas no âmbito da Organização e Tratamento da Informação (OTI), que venha subsidiar a preocupação em aprimorar os processos de ensino e aprendizagem, sobretudo promovendo o uso das tecnologias de informação e comunicação nesses processos.

Essa deficiência prejudica as ações pedagógicas inovadoras, que visam a melhora na formação e no desempenho do profissional bibliotecário, assim como inviabiliza o uso de toda a potencialidade do suporte de tecnologias de comunicação no ensino-aprendizagem. A OTI

engloba pelo menos dez disciplinas distintas e atende, aproximadamente, a 350 alunos de graduação.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei, neste memorial, não ser repetitiva, porém o entrelaçamento de atividades é uma característica marcante de minha vida acadêmica. Percebi, ao escrever este texto, que a forma de organizar a escrita desse memorial organizando pelas atividades do tripé da Universidade seria ideal para discorrer sobre meu percurso.

Saliento que não me detive na descrição de todas as atividades com o mesmo peso. À medida que fui percorrendo meu currículo, procurei enfatizar, resumidamente, os principais pontos de minha carreira acadêmica, de maneira que a leitura resultasse mais fluida e mais prazerosa.

Posso concluir que, neste meu percurso de 18 anos na Escola de Ciência da Informação da UFMG, procurei ser coerente com os ideais que considero caracterizar um professor universitário. O professor deve ser um orientador (em todos os níveis) sempre generoso, um amigo; e saber coloca-se no lugar do aluno para que, assim, possa saber de suas necessidades, contribuindo para que o conhecimento seja mais facilmente absorvido e amadurecido no coração do aluno.

Não consigo imaginar o aprendizado sem humanização. A generosidade do passar o conhecimento e, da mesma forma a humildade em reconhecer o quanto aprendemos com os alunos são sentimentos que devem nos acompanhar em nossa trajetória acadêmica.

Acho que, por tentar ser assim, sempre tive o reconhecimento dos alunos e já recebi várias homenagens. Entrei para a universidade em 2006 e fui professora homenageada por várias turmas que encontrei na Escola de Biblioteconomia. Para mim, isto é um grande mérito, pois o maior retorno que um professor pode almejar é ter o reconhecimento de seus discípulos.

Além disso, posso dizer, também, que sempre procurei traçar um perfil que me caracterizasse enquanto professora acadêmica, um caminho acadêmico coerente, que me permitisse a reflexão através do conhecimento administrativo da Universidade e da minha unidade em especial, das disciplinas ministradas e das participações em outras atividades acadêmicas.

Pretendo prosseguir com as atividades nas quais estou envolvida atualmente, mas meu objetivo atual é retomar com afinco minhas pesquisas, de forma a ter uma produção acadêmica consistente e frequente, para que possa contribuir para o desenvolvimento e crescimento da Biblioteconomia e assim, participar ativamente da pós-graduação de ECI.

Posso dizer que me sinto uma professora realizada em minhas atividades acadêmicas, e que pretendo muito contribuir para o crescimento da Biblioteconomia da UFMG, onde fui tão bem recebida para a realização do meu doutorado e posteriormente como docente.

REFERÊNCIAS

BERGAMIN, Giovanni. FRBR e nuove tecnologie. **Seminario su FRBR**, Firenze, 27-28 gennaio de 2000. Disponível em: <<http://www.aib.it/aib/sezioni/toscana/conf/frbr/bergamin.htm>> Acesso em 16 jan. 2002.

BORETTI, Elena. An italian comment on functional requirements for bibliographic records: final report. **Bollettino AIB**, v.39, n.3, Set. 1999. Disponível em: <<http://www.aib.it/aib/commiss/catal/frbreng.htm>> Acesso em 15 out. 2002.

CLEVELAND, Gary. *Digital libraries: definitions, issues e challenges*. **UDT Occasional Paper**, n.8, March 1998. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VI/5/op/udtpo8/udtop8.htm>> Acesso em: 21/09/2003.

DELSEY, Tom. Developments and progress in cataloguing. **IFLA Council and General Conference**, 58. Brighton, 16-21 Aug. 1997. *Programme and Proceedings...* Brighton: International Federation of Library Associations and Institutions, 1997.

IFLA Study Group on the functional requirements for bibliographic records. **Functional requirements for bibliographic records**: final report [printed text]. Munich: K. G. Saur, 1998. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s13/frbr/frbr.htm>>. Acesso em: 30 out. 2003.

JONSSON, Gunilla. Las bases para un registro en la mayoría de las reglas de catalogación y la relación a FRBR. **IFLA Council General Conference**, 68, Glasgow, Scotland 18-24 Aug. 2002. Disponível em: <<http://www.ifla.org/IV/ifla68/papers/052-133e.pdf>> Acesso em 02 nov. 2003.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Catálogo e descrição bibliográfica: contribuições a uma teoria**. Brasília: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal, 1987. 201p.

SILVA, W. C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.